

de 1918, por Decreto de 22 de Dezembro de 1917, inserto no *Diário do Governo*, n.º 223, 1.ª série (artigo 1.º). A moeda de 200 réis já de há muito que não circula; foi recolhida em virtude do Decreto de 9 de Setembro de 1908, e findou o praso de circulação em 30 de Novembro de 1909, por Decreto de 30 de Junho.

Nota.—Esta memória foi apresentada na Biblioteca Nacional de Lisboa, como dissertação escolar, ao Professor de Numismática do Curso de Bibliotecário-Arquivista, no fim das lições do ano de 1915,—e modificada em 1917.

LUÍS CHAVES.

Pela Beira

Palavras prévias—De Lisboa a Castelo Branco

O ter eu sido nomeado para presidir a exames no Liceu de Castelo Branco na 1.ª época do ano lectivo de 1915-1916 permitiu-me que fizesse uma excursão pela Beira, destinada à colheita de materiais archeologicos e etnografico-lingüísticos. Aqui vou dar notícia sumária de como empreguei o tempo que dos exames me ficou livre, e juntamente indicar quais os objectos archeologicos e etnograficos que obtive para o Museu Etnologico. O que se refere á parte litteraria da Etnografia (*Folklore*) e da Filologia deixo-o para outro lugar, porque saí fora do programa do *O Archeologo Português*.

Tomo a palavra BEIRA em acepção antiga, isto é, na do territorio que abrange a *Beira Alta*, a *Beira Baixa*, e a Beira ocidental ou marítima (distritos de Aveiro e de Coimbra). Antes de se adoptar na nossa lingua a designação de *provincia*, dizia-se simplesmente *terra da Beira*, como por exemplo se lê em um documento do sec. xv de que vi cópia no arquivo da Camara municipal de Pinhel. A par com a divisão official, ha outras no nosso pais, de character popular, que não vem geralmente nos livros, nem são muito conhecidas fóra das respectivas regiões. Assim, por exemplo, a Beira Baixa, para agora só falar d'ela, pois a minha excursão realizou-se sobretudo aí, subdivide-se em seis regiões:

1. *Charneca*, região que comprehende Oleiros, Certã (com os *Certinhos*), Vila de Rei, Proença a Nova, Ródão, parte do concelho de Castelo-Branco, —Cebolais, Bemquerença, Retaxo, Malpica (com os *Malpiqueiros*)—, Alameda, S. Vicente da Beira, etc.

Os habitantes d'esta região chamam-se *Charnequeiros* e *Charnecos*.

2. *Cova da Beira*, ou vale do Zêzere, entre as serras da Gardunha e da Estrela, região que comprehende grande parte do conce-

lho do Fundão (Castelejo, Souto da Casa, Aldeia Nova do Cabo, Aldeia de Joanes, Telhado & Freixial dos Potes, Alcaria, Peroviseu, Capinha, Salgueiro & Quintans & Casal, Escarigo, Fatela & Enxames, Alcaide, Alcongosta, Donas & Teixugas & Chãos, Valverde, e Fundão), a maior parte do concelho da Covilhã (Unhais da Serra, Paul, Barco, Pêso, Dominguiço, Tortosendo, Boudobra, Covilhã, — parte meridional do concelho, na margem direita do Zêzere), e todo o concelho de Belmonte.

Os habitantes d'esta região tem simplesmente, e por excellencia, o nome de *Beirões*, como ouvi dizer ao povo.

3. A região que comprehende, na parte do Sudoeste do concelho do Fundão, as freguesias de Lavacolhos, Silvares, Barroca & S. Martinho & Alqueidão, Bogas de Cima & Malhada Velha & Bogas do Meio & Descoberto & Buxinos, Bogas de Baixo & Ladeira & Maxial da Ladeira & Urgueiro, e Janeiro de Cima, e no concelho da Covilhã as freguesias de Barco, Bodelhão e outras, — região que confina com a Cova da Beira, denomina-se o *Rio* ou *Rio a baixo*, porque corre por ella o Zêzere.

Os habitantes chamam-se *Ribeirinhos*.

4. No Fundão e Covilhã chamam *Trás Serra* e *Detrás da Serra* a toda a região, para além da Cumiada da Estrela, comprehendida entre Arganil e Celorico da Beira, v. g. Arganil, Loriga, S. Romão, Seia, Celorico, Gouveia, etc. — Covilhã fica na *Serra* (o aro da Covilhã é na *Cova da Beira*).

5. *Terra Fria*, região que, ao Norte da região do Campo, comprehende os concelhos de Sabugal, Manteigas, Guarda (e Pinhel?)¹.

Os habitantes chamam-se *Serranos*. Também ouvi chamar, por extensão, *Quadrasesinhos* aos almocreves que vão do Sabugal negociar para longe (*Quadrasesinhos* são propriamente os habitantes de Quadrasais).

6. *Campo*, região que comprehende parte do concelho do Fundão (Alpedrinha & Touca, Castelo Novo, Soalheira, Atalaia do Campo, Povia da Atalaia, Orca & Martianas & Zébras e Vale de Prazeres

¹ A região em que fica a cidade de Pinhel jaz entre o Jarmelo e Rio Côa. O Jarmelo é uma região pertencente aos concelhos da Guarda e Pinhel. É muito fria e montanhosa, denominando-se a parte mais culminante *Cruchos do Jarmelo*. As principaes povoações d'aquella região denominam-se Picasio, Almeidinha, Castanheira e Gagos, e estão ao sul de Pinhel. Ao nascente e norte d'esta cidade corre o Rio Côa, separando do concelho de Pinhel os de Almeida e Figueira de Castelo Rodrigo.

& Mata da Rainha & Cortiçada & Cabeça de Boi & Torre)¹, parte do concelho de Castello Branco (Tinalhas, Salgueiro, Sarzedas, Caféde, Alcaíns, Escalos de Baixo, Escalos de Cima, Lousa, Lardosa, Sobral do Campo, Louriçal do Campo), quasi todo o concelho de Idanha-a-Nova, e a parte occidental do concelho de Penamacôr.— À planície de Idanha-a-Nova chamam *Campanhas da Idanha*².

Os habitantes do Campo tem o nome popular de *Camponeses*.

7. *Raia* ou *Arraia*, região que compreende os extremos orientais dos concelhos de Castello-Branco, Idanha, e Penamacôr (Rosmaninhal, Segura, Zibreira, Salvaterra do Extremo, Monfortinho, Penha Garcia, etc.), parte do concelho do Sabugal, todo o de Almeida, e todo o de Figueira de Castelo-Rodrigo.— À mesma região ouvi na Beira Baixa chamar o *Cimo-Côa*: «era do Cimo-Côa», «lá no Cimo-Côa». A expressão *Cimo-Côa* é perfeitamente sinonima de *Arraia*³.

Os habitantes da *Arraia* ou *Raia* chamam-se *Arraianos*.

Esta resenha deve estar imperfeita. Muito eu estimaria que outras pessoas, melhor conhecedoras do assunto, m'a corrigissem⁴.

De Lisboa para Castello-Branco fiz caminho por Abrantes. Tendo partido da capital em 13 de Julho de 1916, às 10 da manhã,

¹ A estas freguesias chamam também no Fundão «povos d'Além Serra ou d'Além da Serra» (com referencia à Gardunha).

² Como estas terras abundam de centeio e cevada, vem de longe trabalhadores ceifar estes cereais, primeiro ao *Campo*, depois à *Cova da Beira*, por fim à *Terra Fria*, que é seródia. A respeito das ceifas no Campo ha uma cantiga popular, que a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Angelica Furtado de Mendonça ouviu na Rapa (Celorico) e me transmitiu:

Se fordes ceifar ao Campo,
Não vades a Lagoeiro,

Que dão lá pão de cevada,
—Pagam com pouco dinheiro!

Não sei que Lagoeiro é este (só conheço um Lagoeiro no Norte, e a quinta de Lagoeiros na Covilhã); talvez a palavra não tenha ahí applicação exacta, e só a que resulta da necessidade da rima, o que com frequência acontece com outras na poesia do povo.

³ O famoso «queijo da Serra» é conhecido em algumas partes (assim ouvi sempre dizer na Beira-Alta), por queijo de *Cima-Côa*. Viterbo, *Elucidario*, s. v. «Caria», vol. 1, p. 238, serve-se da expressão *Riba-Coa*. Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, s. v. «Coa», também a emprega: «O Côa entra a correr no lugar de Fiois (raia), termo de Sabugal, rega o territorio chamado Riba-Côa».

⁴ Já ao mesmo proposito devo algumas indicações aos Srs. D.^{or} José Monteiro, do Fundão, D.^{or} José Ferreira da Trindade, de Monsanto, D.^{or} Alçada de Moraes, da Covilhã, e José Alves da Silva, de Pinhel, que me completaram o quadro que eu formára, segundo o que havia observado na provincia.

cheguei a Abrantes de tarde. Na estação esperava-me o meu amigo e antigo condiscipulo, D.^{or} Correia Campos, bem como o S.^{or} Diogo Armando da Silva Oleiro, que, por ser amador das cousas antigas da sua terra, me quis dar o gosto de me acompanhar. A cidade fica a 3 quilometros. Passa-se primeiro pelo *Rossio de Abrantes*, povinho, especie de «arrabalde», de casas brancas, numa baixa; depois atravessa-se o Tejo, e sobe-se um monte: a cidade fica numa ladeira. Os edificios mais notaveis são: a Misericordia e a igreja de Santa Maria do Castelo, onde ha belos tumulos de estilo manuelino, e a cuja entrada, exteriormente, está a sepultura rasa de «D. Rodrigo Anes de Saa Almeyda e Menezes, 1.^o Marquez de Abrantes», um dos esteios da Academia da Historia, fundada no tempo de D. João V.

Em Abrantes adquiri os seguintes objectos para o Museu Etnologico:

uma medalhinha religiosa, e uma moeda incusa (tostão),—ofertas do S.^{or} Adelino Lemos, ourives;

um gancho-da-meia, de caroço—oferta da Ex.^{ma} Senhora D. Adelaide Guedes Campos, espôsa do meu condiscipulo e hospedeiro D.^{or} Correia Campos;

um exemplar das *Posturas municipais* de Abrantes, e outro de umas *Posturas* antigas de Beja,—ofertas do S.^{or} Saldanha Albuquerque;

uma collecção de 190 moedas romanas de prata do sec. III,—oferta do S.^{or} D.^{or} Ramiro Guedes, sogro de Correia Campos (estas moedas faziam parte de um tesouro apparecido por 1880 e tantos, dentro de panelas, no Sardoal);

varios objectos de ferro (um pêso com a data de «778» e dois traços, que designarão arrateis; outro com quatro traços; uma chave de cofre antigo)—ofertas do S.^{or} Antonio Vicente das Terras, mestre-serralheiro de Abrantes;

um machado de pedra polida, achado na Abrançalha, concelho de Abrantes,—oferta do D.^{or} Correia Campos (vid. est. I, fig. 1);

um anel antigo de ouro, por compra.

No dia 14 de Julho, pela manhã, fui com o D.^{or} Campos e o S.^{or} Oleiro ao Tramagal, em cujos arredores, no sifio de *Alcolobre*, dentro da herdade do Carvalho, existem os restos de um curioso edificio romano.

À tarde segui para Castelo-Branco.

I

Na Beira Baixa

Castelo-Branco e arredores.—Medelim.—Monsanto e arredores.—Idanha-a-Velha.—Orca.—Alpedrinha e arredores.—Fundão e arredores.—Covilhã e Serra da Estrela.—Pinhel.

15 de Julho a 11 de Agosto de 1916.—Trabalhei em exames, no Liceu de Castelo-Branco, excepto aos domingos¹. As horas vagas dos exames e os dias feriados apliquei-os em parte à visita do Museu Municipal, e em parte a buscas e excursões.

O Museu Municipal foi fundado pelo jovem e apaixonado archeologo Tavares de Proença Junior, que os leitores do *O Archeologo* conhecem, e que, com muito zêlo e intelligencia, reuniu na sua cidade patria uma importante collecção de monumentos pre-romanos e romanos: instrumentos paleolíticos (de Leiria), duas esculturas preistoricas a que se faz referencia no *O Arch. Port.*, XI, 128, espolios neolíticos de várias antas, e machados de pedra avulsos, instrumentos de cobre e bronze, fibulas lusitanicas e braceletes de prata de grande importancia, numerosas lapides com inscrições lusitano-romanas, restos ceramicos, cossoiros de barro, ferros, moedas, da mesma epoca; cousas várias da epoca portuguesa (armas, esculturas, arreios, moedas, medalhas, louças, etc., etc.). Conquanto eu copiasse todas as inscrições romanas, lapidares e ceramicas, que me foi possível ler, e por intermedio do habil professor de desenho do Liceu, o S.^{or} Sales Viana, obtivesse cópia dos objectos que mais me importavam, não publico aqui nada d'isso, porque não desejo tirar ao meu amigo Tavares de Proença Junior a prioridade que de direito lhe pertence. Na ausencia d'este S.^{or}, que está doente na Suíça², continúa a Ex.^{ma} Camara Municipal a olhar pelo Museu com desvêlo, tendo-o entregue aos cuidados dos S.^{ors} D.^{or} Paiva Pessoa, Advogado em Castelo Branco, e Nascimento Costa, Vereador.

Objectos que obtive em Castelo Branco para o Museu Etnologico:

(industria da lata)—uma *lanterna* ou «lampeão», uma *candeia*, um *caço de derreter solda*, um *ponteiro* ou punção de fazer ornatos em *espelhos* de candeia;

¹ Deste trabalho apresentei ao Govêrno relatorio manuscrito.

² Pouco depois de escritas estas linhas, trouxe-me um jornal a notícia do falecimento de Tavares Proença!

um *furador* de osso de boi, com que os cesteiros alargam as *presilhas* dos cestos,—instrumento de caracter primitivo;

seis *espelhos* de porta artisticos, de ferro (estes *espelhos* tem todos, mais ou menos, caracter seu);

uma moeda de «cinco reis», de 1737, oferecida pelo menino José da Silva Nobre, de 9 anos, filho do D.^{or} Barros Nobre, Reitor do Liceu;

uma bengala, ou *cachamola*, listrada;

três botões metalicos, antigos, e uma *Folhinha* da diocese albiscastrense (1865),—ofertas do S.^{or} D.^{or} João Mamede, Professor do Liceu;

colecção de louça infantil, de barro, que reproduz em ponto pequeno uma talha da agoa com sua *tijela* e *púcaro*,—da fábrica de Monforte da Beira;

uma caixa do rapé antiga, de bronze;

modelos de objectos de lavoura, *jugo*, *canga*, *arado*, *mangoal* e *grade*,—obtidos com o concurso do S.^{or} D.^{or} Augusto Tavares, Professor do Liceu;

dois pergaminhos antigos, um gancho-da-meia artistico (de Sarnadas), e um *abano* de fôlha, oferecidos pelo S.^{or} D.^{or} João Cardoso Eloy, Professor do Liceu¹;

uma roca artistica, de Retacho, obra pastoril,—oferta do S.^{or} D.^{or} Antonio Nunes Lopes Russo, Professor do Liceu;

uma colecção de amuletos oferecidos pelo S.^{or} D.^{or} Barros Nobre, Professor e Reitor do Liceu;

uma bolsinha de algodão, para dinheiro, fabricada na cidade;

um *bico de telhado*, de ferro (destinado a ser fixo com cal nas telhas dos angulos do telhado);

um *registo*, e duas *medalhas* de papel, da Senhora de Mércules,—ofertas do S.^{or} A. Alves Fradique, empregado da Secretaria do Liceu;

um denario da Republica Romana;

um exemplar das *Posturas municipais* de Castelo Branco, oferecido pelo S.^{or} Secretario da Camara;

um exemplar de umas *Posturas* antigas de Castelo Branco, oferecido pelo S.^{or} Capitão João Manuel Claudino de Sousa, Professor do Liceu;

¹ O *abano* é de fôrma especial, do tipo muito usado em Abrantes e nos concelhos de Castelo-Branco, Idanha, etc., já para abanar o braseiro ou o fogareiro, já para enfeitar as paredes, aí pendurado aberto.

colecção de 22 machados de pedra polida, e muitos fragmentos de outros, provenientes dos arredores de Alcains, e que obtive por interferencia do S.^{or} D.^{or} Tabor da Ramos;

um *cocho*, de cortiça, oferecido pelo S.^{or} José Pires Tavares;

um prospecto de uma corrida de touros em Lisboa em 1778, oferecido pelo S.^{or} D.^{or} José da Silveira Proença Saraiva, Secretario Geral do Governo Civil;

colecção de 14 moedas romanas de bronze do sec. iv, oferecida pelo S.^{or} João Dias Carreiro.

Excursões que realizei no concelho de Castelo Branco:

Em 24 de Julho de 1916, de tarde, fui a Cebolais de Cima, em companhia dos S.^{ors} D.^{ors} Manuel Ribeiro e João Cardoso Eloy, Professores do Liceu, e obtive os seguintes objectos fabricados por pastores: uma *roca* com «feitorias», isto é, com labores artisticos; um *saleiro* e um *tropêço* de cortiça, também com labores, obra de João Reis Mendes, oferecidos por ele, por intermedio do D.^{or} Manuel Ribeiro; dois *ganchos-da-meia*, igualmente artisticos, oferecidos por este último S.^{or}, que é natural de Cebolais de Cima.

Em 30 de Julho de 1916 (Domingo) fui a Palvarinho e Salgueiro, em companhia do D.^{or} João Cardoso Eloy, a quem já acima me referi, e que, como Professor de Geografia & História, dá no seu ensino muita atenção à Etnografia portuguesa¹. Em Palvarinho² empreendêra o Museu Etnologico escavações archeologicas em 1910 e 1911 sob a direcção de Almeida Carvalhais³, e por isso eu tinha empenho em lá ir, para ver o local. As escavações tinham sido feitas na propriedade chamada

¹ Na *Revista Lusitana* serão publicados alguns dos exercicios que sobre este assunto ele marcou aos alunos, e que, como se verá, contém noticias curiosas. Oxalá que todos os professores de Português, e de Geografia & História adoptassem o costume de obrigar os estudantes a observações etnograficas, e a registá-las por escrito! Pôr-se-ia assim, com facilidade, uma enorme multidão de factos ao alcance dos especialistas. Os leitores da *Revista Lusitana* conhecem trabalhos congeneres já aqui vindos a lume (Prof. Gomes Pereira). Pela minha parte, quando ensinei preparatorios do liceu, também marquei aos alunos exercicios baseados em temas populares, e o mesmo faço agora, no ensino superior, quando a occasião se oferece.

² Uns dizem ou escrevem *Palvarinho*, outros *Palveirinho*, outros *Polveirinho*. Eu ouvi lá pronunciar sempre *Pâlvarinho*, e vi escrito em documentos manuscritos de 1820 e 1826 *Palvarinho*; é pois esta a fôrma que adopto.

³ Vid. *Historia do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 332. Aqui escrevi inexactamente «Polvorinho», porque assim ouvira aos empregados do Museu que lá foram.

«de S. Lourenço», onde ha uma capela com essa invocação; vêem-se em grande extensão inumeros cacos de tegulas, de imbrices, de potes, e muitas pedras aparelhadas, de casas, e bem assim fustes e bases de colunas, — tudo de granito. Devia ter existido aqui uma povoação, e não uma simples *villa*. A pouca distância, numa encosta, separada de S. Lourenço apenas por um caminho, appareceram sepulturas. Teriamos pois povoação e respectivo cemiterio. Em Palvarinho obtive um *pondus*, um pratinho e uma almotolia, tudo de barro, provenientes de S. Lourenço. Em Salgueiro, que é a séde da freguesia, obtive um capitel de calcareo, tambem antigo (certamente romano), apparecido num campo, onde os trabalhadores campestres descobrem diversas velharias. Outros objectos que obtive nas duas povoações (Palvarinho e Salgueiro), com o concurso do S.^{or} Professor Eloy: nove *cocharras* (colheres de pau e de chifre), uma *lançadeira*, um *gancho-da-meia*, seis *rocas*, tudo com laveses artísticos, obra de pastores; uma bacia e onze pratos de faiança antiga; um machado neolítico.

Em 6 de Agosto de 1916 (tambem Domingo) fui a Alcains e a Escalos de Cima e de Baixo, acompanhado pelo S.^{or} D.^{or} José de Barros Nobre, Professor e Reitor do Liceu. Em Alcains ha um pulpito de «1689» de pedra, à porta da capela do Espirito Santo, pelo lado de fora; no meio da povoação ha uma fonte monumental, digna de melhor estima que a que o povo lhe dá. Nessa povoação, onde almoçámos etnograficamente numa taberna açorda e ovos fritos com lingüiça, obtive os seguintes objectos: três machados de pedra polida, prehistoricos; dois outros instrumentos de pedra (pedra oval, para fricção; pedra com duas cavidades ou «pégas» para os dedos se fixarem); um denario da Republica Romana achado em Monsanto, e oferecido pelo S.^{or} Estêvão dos Santos Crujeiro Galvão; cinco pratos de faiança antigos; uma roca esculpturada, obra pastoril; uma charuteira de chifre, com laveses, idem; cinco *cocharras* de buxo e chifre, idem. Em Escalos de Cima o S.^{or} Tomé de Barros Botelho ofereceu-me duas vasilhas de barro romanas, achadas numa escavação agraria; o mesmo S.^{or} me ofereceu um colherão de pau, obra pastoril; por seu intermédio o S.^{or} Domingos Marques Ferreira ofereceu-me: um *stilus* (o primeiro d'este genero que appareceu em Portugal), um como «bulezinho» de vidro e um ungüentario; uma taça arretina; uma tacinha de barro, e duas bilhas: objectos estes, tambem da epoca romana, apparecidos numa vinha. Da mão de varios aldeões obtive: um machado de pedra polida, e parte de outros dois (um de fibrolite), e os seguintes objectos, de buxo, fabricados por pastores-artistas; um garfo com argola, três *cocharras*, uma colher comprida, com o brasão real.

Em Escalos de Baixo o Rev.^{do} Prior Joaquim Barbosa Camejo ofereceu-me uma *espera* artística, ou descanso de arca, e uma rolha, também artística, de garrafa. Por sua influência obtive no povo oito machados de pedra polida, e um prato de faiança. O S.^{or} Domingos Lopes Esteves, amigo do D.^{or} Barros Nobre, ofereceu-me dois machadinhos de pedra, sendo um de fibrolite.

12 de Agosto de 1916.—Parti de Castelo-Branco às 9 da noite para Medelim em companhia do S.^{or} D.^{or} João Pires Marques, que também quis ter a amabilidade de me auxiliar nos meus estudos e buscas. Até Alcains fomos no comboio: o S.^{or} Tomé de Barros Botelho, de quem já falei supra, aguardava-me aí perto, em Escalos de Cima, para me obsequiar com a dadiva de alguns *clavi* romanos de ferro aparecidos no mesmo local em que apareceram outros objectos que eu já possuía. De Escalos a Medelim viajámos de trem, umas poucas de horas, que porém passaram rapidas, porque a noite estava linda de luar. Em Medelim, aonde chegámos de madrugada, hospedei-me com o meu companheiro no palacete de seu sôgro, o S.^{or} Manuel de Oliveira da Silva Castel-Branco¹, que me recebeu com a graça e franqueza dos Beirões, e como se eu fôsse um amigo velho da casa, apesar de ser esta a primeira vez que eu lá ia. O que digo d'ele digo-o também de toda a familia.

13 e 14 de Agosto de 1916.—Permaneci em Medelim, onde havia festa, e onde pois tive ocasião de observar alguns costumes. Para o Museu obtive:

¹ *Castel-Branco*, e não *Castelo-Branco*, porque se conserva aqui como apelido a fôrma arcaica do nome da vila (hoje cidade). Nos documentos antigos, pelo menos até o sec. xvi, lê-se *Castel-* ou *Castell-Branco*: «em a nossa villa de *Castell Branco*», diz, por exemplo, el-rei D. Manoel I em um documento de 1508, publicado no *Archivo Historico Português*, 1, 365-366. No *Diccionario lusit-lat.* de Poiares, Lisboa 1667, já porém se lê, a p. 112: «*Castello-branco*, villa na Beira». A fonetica natural fez que *Castelo-Branco* se mudasse em *Castel-Branco* (síncope sintactica); mas os eruditos entenderam que deviam corrigir a primeira parte do nome, visto que como palavra comum se diz *castelo*, e mudaram *Castel-Branco* em *Castelo-Branco*, e assim se diz hoje. Nas familias é corrente manterem-se costumes antiquados, sem exclusão das palavras: e por isso a de que estou falando usa como apelido *Castel-Branco*.—Notarei incidentemente que a fôrma *Albicastrum*, que se cita como nome antigo da cidade (d'onde o adjectivo patrio *albicastrense*), é moderna (isto é, não provinda da antiguidade classica: data só talvez do sec. xvii), e foi também criada por eruditos: mera latinização de «Branco» e «Castelo».

um *cambo* de ferro, de «1793», oferecido pelo S.^{or} José Pires Marques (pai do D.^{or} Pires Marques);

outro, sem data, mas também antigo e com a marca «ROMÃO & COMP.^a», oferecido pelo mesmo S.^{or};

uma *cocharra* artística¹;

outra *cocharra* artística, mas grande (especie de colherão), oferecida pelo S.^{or} Silva Castel-Branco;

um par de *carchanetas* («castanhetas») artísticas;

dois *acinchos* de madeira, com marcas indicativas dos queijos saídos da queijeira para casa do patrão,—oferta do S.^{or} Silva Castel-Branco;

uma caninha com marcas semelhantes²;

uma *romana* de ferro, com o respectivo *pilão* ou «pêso»;

três moedas portuguesas do sec. XVIII;

uma chave de ferro, de fôrma especial;

uma *candeia de ferro* antiga, oferecida pelo S.^{or} P.^e Joaquim Antonio da Costa;

um *cabaço*, oferecido pelo mesmo S.^{or};

várias miudezas literarias, oferecidas pelo mesmo S.^{or};

um *copeiro* de cana (haste de cana golpeada, para conter os copos emborcados);

um *botelho* para pimenta;

um carimbo antigo de metal.

No dia 14 á tarde, parti para a quinta do Burrinho, abas de Monsanto. Fui acompanhado pelo D.^{or} Alberto Castel-Branco, filho do S.^{or} Silva Castel-Branco; ao caminho veio esperar-nos o D.^{or} José Ferreira da Trindade, para casa de quem eu ia, e que é parente dos S.^{ors} Pires Marques e Silva Castel-Branco. Antes de chegarmos á quinta, visitámos uma estação arcaica em que havia restos de paredes, vestígios ceramicos, capiteis, etc., e onde tinha aparecido um *triente* barbaro; essa estação será pois romano-visigotica. Na Quinta do Burrinho tive acolhimento analogo ao que tive em Medelim, realçado por ser o D.^{or} José Ferreira da Trindade apaixonado dos estudos historico-arqueologicos, em que espero prosiga sem esmorecimento. Logo na noite da chegada me brindou este

¹ Na Beira Baixa dão o nome de *cocharras* às colheres de pau e de chifre. Vid. supra.

² Acêrca do costume de assim fazer marcas, vid. a *Hist. do Museu Etnologico*, pp. 235-236.

S.^{or} com um fragmento de bojo de *dolium* em que se lê . . VNIVS, certamente resto do nome gentilicio *Iunius*; êste fragmento appareceu na quinta, onde se descobriram outros restos ceramicos da epoca romana.

15 de Agosto de 1916.—Pela manhã fiz com o D.^{or} Trindade uma excursão pelos arredores da Relva, onde está a quinta do Burrinho: visitámos uns lajedos onde ha cavidades antigas, do genero que os archeologos portuguezes costumam chamar *lagares*¹, e estivemos na capela romanica de S. Pedro, que jaz dismantelada num ermo²; perto d'esta capela mostrou-me o D.^{or} Trindade várias insculpturas numa laje (sulcos), e noutra direcção um fragmento de ara romana, que espero adquirir.

Além do bojo doliar a que ha pouco me referi, obtive mais os seguintes objectos:

uma ara romana de granito, com inscrição muito gasta, mas em que creio ler . . OVI O (= IOVI O[ptimo]?),—oferta do D.^{or} Trindade (a lapide ainda não chegou ao Museu, mas chegará em breve);

um par de *cocharras* ligadas por uma argola (obra inteiriça),—oferta do mesmo S.^{or};

uma *cocharra* grande e outra pequena, artisticas,—oferta do mesmo S.^{or};

uma vara com marcas, como as de que falei supra (p. 14),—oferta do mesmo S.^{or};

um machado neolitico da horta de S. Pedro, e outras pedras, bem como um pedaço de tubo romano de chumbo, oferecido por um camponês, por intermédio do mesmo meu amigo.

No dia 15, à tarde, parti para Monsanto, acompanhado do D.^{or} Trindade, e aí me hospedei, até o dia 17, em casa de seu tio, o S.^{or} José da Costa Campos Patrício, que usou de inexcedível galhardia para comigo.

Monsanto ocupa uma grande e pedregosa eminencia, ou *barrocal*, de amplissimos horizontes: em baixo, entre campos, vinhas, olivais, sobreirais e soutos, avista-se, numa bacia, a Relva, o Carroqueiro, Adingeiro, o Lagar de Maria Martins, o Lagar de Junho, a Devesa, Eugenia, Maria Gorda, e o Cidral, lugarejos que, com Monsanto, onde

¹ São muitas as cavidades: uma é circular, e comunica por um sulco com outras rectangulares. Ha duas rectangulares contiguas, entre as quais abriram recentemente um sulco: um camponês do local pisa aí às vezes uvas para fazer vinho,—como ele proprio me declarou.

² Vid. a seu respeito *O Arch. Port.*, XXI, 18 sgs. (Alves Pereira).

está a matriz, constituem a frêguesia de S. Salvador; ao longe, para o Norte e Nascente, divisam-se outros morros penhascosos, como a Amoreirinha, onde dizem que ha muralhas lusitanicas, a serra do Ramilo, onde está o Salvadór, e Penha Garcia e Pomar, as serras da Monracha e Monrachinha, e ainda mais longe a Hespanha; ao Poente negreja a Gardunha e a Serra da Estrela. Propriamente Monsanto consta de duas partes,—da povoação moderna, ou *vila*, estendida numa encosta, e do *castelo*, ou parte mais alta, hoje deshabitada. *Vila* é titulo antigo que, como de costume, permaneceu na linguagem familiar da localidade. Do castelo, fundado na idade média, e depois modificado, restam muralhas e tórres. Antes de se chegar até ele encontram-se as ruinas da igreja de S. Miguel, de estilo romanico, e perto muitos restos de casas, provavelmente das gentes que ali celebraram cultos, e cujos cadáveres repousaram em sarcofagos (hoje vazios) e em sepulturas abertas em rocha, que abundam à porta do templo. Aos penedos que revestem a parte alta da povoação andam anexas lendas, nomes, e ditos. De dois que se ligam angularmente, chamados *Penedos Juntos*, conta-se que dizem os Hespanhois: *Monsanto, Monsanto, orejas de mulo, quien te gañar, gañará el mundo*¹; ha aqui uma hespanholada, porque o castelo faz frente à Hespanha, e dista d'ela 3 ou 4 legoas. Outros dois penedos, que estão sobrepostos, ouvi denominá-los *Barrete de Soldado*: e efectivamente a denominação corresponde um pouco ao aspecto dos mesmos. Umas cavidades que se vêem numa laje interpreta-as o povo por malgas «em que o *Fidalgo*, ou governador do castelo, dava de comer aos pobres»,—lenda semelhante a outras que conheço no Alto-Minho e no Baixo-Douro.

O nome de *Monsanto* (= Monte-santo) julgo-o de epoca muito remota, segundo as ideas que expendi nas *Religiões da Lusitania*, II, 103 sgs.: o local deve ter sido sagrado, e para a santidade contribuiu sem dúvida a propria fórma do monte, que a grande distância (Alpedrinha, etc.), avulta solitario, e chama a atenção entre os que o convizinham. Tudo aquilo que impressiona de modo maravilhoso a imaginação torna-se facilmente religioso: por tanto não admira que isto acontecesse tambem a Monsanto².

¹ Foi assim que lá ouvi. Cf. tambem: *O Arch. Port.*, v, 202 (Informações Paroquiais); *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal, v, 414; e *O Domingo Illustrado*, I, 514.

² Já no *Arch. Port.*, XXI, 175, fiz análoga observação a respeito do monte de Endovelico. Acêrca de objectos maravilhosos tidos por magicos ou religiosos, cf. *Religiões*, I, 148, n. 2.

Na vila de Monsanto acompanharam-me o Rev.^{do} Prior Joaquim Vaz de Azevedo, e o S.^{or} Bartolomeu Viana, Professor da freguesia, e com eles fiz várias buscas. Obtive:

dois machados de pedra polida (vid. est. I, figs.^{as} 2 e 3);

fragmento de um machado de bronze, de meias canas, oferecido pelo S.^{or} Alfredo Augusto de Mendonça (est. I, fig. 4);

uma chapa de latão com figura da águia napoleónica (de fardamento da guerra peninsular), — oferta do mesmo S.^{or} (est. III, fig. 5);

dois denarios da Republica romana, — oferta do mesmo S.^{or};

uma *clavis Laconica* e três armas romanas (est. II, figs. 6 a 9);

mais quatro denarios;

fragmentos de um vaso de prata da epoca consular, e dois denarios apparecidos (com outros) dentro d'ele;

mais três denarios, três moedas hespanholas, e uma sapeca chinesa, — oferta do S.^{or} João dos Reis;

um sinete episcopal de bronze, antigo (est. III, fig. 10).

É notavel que por todo o aro de Monsanto appareçam com frequencia denarios da idade consular. O povo já os conhece perfeitamente, e na collecção numismatico-arqueologica organizada pelo falecido medico D.^{or} Barbosa Correia, natural de Monsanto, e que foi muito querido dos seus conterraneos, havia bastantes, adquiridos por ele *in loco*.

No dia 17, à tarde, voltei à quinta do Burrinho, e fiz com o D.^{or} Trindade uma excursão a uma quinta vizinha, onde se guardam em depósito duas lapides romanas de granito que pertenceram à collecção do D.^{or} Barbosa Correia. Ambas contém inscrições, uma diz: (*Rebur*)rus Tongetami f(i)lius I(ovi) O(ptimo) M(aximo) v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito). A lápide tem de altura 0^m,71; de largura 0^m,32; de espessura 0^m,31 (na parte mais delgada); altura das letras 0^m,06 a 0^m,065. Talvez do séc. II. A outra está incompleta; o fragmento que resta, diz: *Paullus.. Fonte[ius] fasciendum [curavit]*. A pedra tem 0^m,70 de comprimento; 0^m,37 de largura; 0^m,41 de altura.

Na volta passámos pelo Val da Tenda, entre Monsanto e Medelim, onde o D.^{or} Trindade me mostrou um edificio muito singular, de base circular e abobadado, com uma porta baixa e pequena, e paredes de pedras irregulares, ligadas por argamassa grosseira. Dentro, em toda a volta, ha uma prateleira alta, de lajes, a qual não podia servir de assento, porque a curvatura da parede não permitia estar de costas levantadas. Pregunto se isto seria um *columbarium* da epoca lusitano-romana, tendo servido a prateleira para nela pousarem as *ollae* ci-

nerarias. — O D.^{or} Trindade prometeu-me velar pela conservação do monumento, e proceder aí a escavações que possam porventura elucidar qual seria realmente o destino do monumento.

18 de Agosto de 1916.—Tendo eu grandes desejos de ver Idanha-a-Velha, séde da *civitas Igaeditanorum*, que jaz a pouca distância de Monsanto, o D.^{or} Trindade acompanhou-me lá. Toda esta região possuía para mim um character quasi sagrado: d'aí eram os deuses *Arentius & Arentia*, de que eu falára nas *Religiões da Lusitania*, III, 207; d'aí *Revelanganitaecus*, cuja lapide figura no Museu Etnologico; d'aí talvez a bela *Trebaruna*. Eu ia pois cheio de respeito e comoção: tantas vezes em meus escritos me havia referido a **Igaeditania*, sem nunca ter lá estado! Em Idanha me esperava, e me recebeu em sua casa, o S.^{or} João dos Reis Leitão Marrocos, rico proprietario, dono de quasi toda a povoação e arredores. O S.^{or} Leitão Marrocos é um benemerito da Archeologia nacional: além de ter por vezes prestado agasalho a funcionarios do Museu Etnologico idos à Idanha em estudos, ofereceu ao mesmo muitas e importantes lápides romanas, e uma colecção de vasilhas medievais; de tudo dá conta, com o brilho habitual do seu estilo, o antigo Conservador D.^{or} Felix Pereira n^o *Arch.*, IX, 38, e XIV, 169 sgs. Por mim, não posso senão confirmar a intensa reputação de bondade e generosidade que o S.^{or} Morgado possui por todos aqueles sitios, pois às dadivas já feitas ao Museu juntou agora, por ocasião da minha visita, a de mais quatro lapides romanas¹.—Além d'estas lapides obtive na Idanha dois objectos de ferro tambem antigos (est. III, figs. 11 e 12).

Em 19, á noite, parti para Medelim, acompanhado pelo S.^{or} António de Pádua da Silva Marrocos, filho do S.^{or} Morgado, e tambem grande proprietario (em Pedrógão).

20 de Agosto de 1916.—Passei o dia em Medelim com a familia do S.^{or} Castel-Branco. Encaixotei os objectos que lá tinha deixado da primeira vez, e adquiri mais estes:

- dois manuscritos, oferecidos pelo S.^{or} Castel-Branco;
- uma *fataca*, instrumento que serve para o *roupeiro* bater o leite destinado a queijos,—oferta do mesmo S.^{or};
- um *candieiro de lagar*, de lata (lagar de azeite).

¹ Quis a triste fatalidade que na altura em que eu ia escrevendo o presente artigo me chegasse pelos jornais a noticia de que o S.^{or} Leitão Marrocos deixára de existir em 9 de Setembro de 1916!

Num passeio que dei á tarde com o S.^{or} Castel-Branco a uma quinta que ele possui nas cercanias de Medelim, vi aí um curioso *chôço* (fig. 13), onde um criado costuma pernoitar no verão para guardar os meloais e as vinhas. O *chôço* é conico, de 1^m,26 de diametro na base, e formado de estacas «postas em redondo», e vestidas de palhacenteia, atada com vimes ou baraços da mesma; o vertice chama-se *rabicheiro* ou *rabicho*, tambem de palha. Na feitura não entra metal:

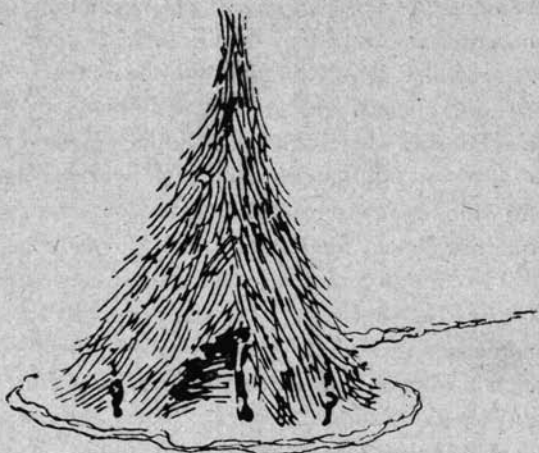


Fig. 13 — *Chôço* (Medelim)

é pois uma construção de caracter primitivo. O guarda «deita-se dobrado», para caber lá dentro. Em volta do *chôço* ha um rego para onde escorre a agoa da chuva que cai naquele¹. — A par usam-se por aqui, como por toda a parte, *choças*, mas estas tem a fórmula de angulo diedro.

21 de Agosto de 1916. — Parti, de manhã, para Alpedrinha. Como no caminho ficava a povoação da Orca, parei lá por causa do nome, que significa «dolmen»². Era meu gosto encontrar nessa povoação algum documento prehistorico, e em verdade encontrei um machado de pedra polida (vid. est. I, fig. 14), que a custo obtive de uma mulher; auxiliou-me na aquisição o S.^{or} Fernando Castel-Branco. Claramente houve na povoação uma *orca*, que hoje já não existe; ficou porém no onomastico a designação.

22 a 25 de Agosto de 1916. — Durante estes dias estive em Alpedrinha, donde fiz algumas excursões por povoações vizinhas.

Alpedrinha é muito conhecida por causa do célebre Cardeal, D. Jorge da Costa (1406-1508), acêrca de quem os leitores do *O Ar-*

¹ A *pallaza* da Galiza, embora mais apurada que o *chôço*, tem igualmente em volta um sulco (*as viellas*) «encargado de recoger el agua y la nieve que escurre por la paja»: Angel del Castillo, *Las casas del Cebrero* (separata do *Boletín de la Acad. Gallega*, Nov. de 1913), p. 5.

² Vid. *Religiões*, I, 253.

cheologo tem um excelente artigo do D.^{or} Artur Lamas no vol. xv, pp. 25-31. A lenda popular explica o nome de *Alpedrinha* como proveniente de *Alpriadinha*. Era *Alpriadinha* uma «cidade» construída no sítio do Carvalhal, depois mudada para o local em que hoje está *Alpedrinha*. *Alpriadinha*, continua a lenda, deriva de *Alpriade*, nome de uma ribeira, que corre a 4 quilómetros de *Alpedrinha*, e desagoa no Ponsul. Ha outras etimologias menos verossímeis que esta. Já que estou falando de cidades lendarias, lembrarei que havia outra no sítio do Corricão, frêguesia de *Alpedrinha*, onde realmente, ao que me dizem, apparecem tijolos, fustes e pedras aparelhadas.

No dia 23 fui a Val de Prazeres, em companhia do D.^{or} Eduardo Correia de Castro. Nesta povoação ha uma tôrre de relógio chamada por graça a *Tôrre da Vaidade*, porque dizem que foi construida com a idea de que os de *Alpedrinha*, rivais dos de Val de Prazeres, ouvissem de longe as horas! Toda a gente sabe como são correntes estas rivalidades entre terras vizinhas. Em Val de Prazeres obtive para o Museu duas moedas de prata romanas, das familias *Iunia* e *Fannia*, e uma moeda portugueza de cobre, do sec. XVIII, as quais me foram oferecidas pela Ex.^{ma} Senhora D. Antonia Pinto, por intermédio do Rev.^{do} Prior da frêguesia.

No dia 24 fui a Castelo Novo. No meio da povoação ha uns lajedos com *lagaretas* do genero das de Monsanto (vid. supra). Numa casa vi uma escultura emblematica: aguia sôbre duas caras, e por baixo uma inscriçãõ, que supponho mais antiga, e diz:

SILVESTRE • FRZ • LEITON • M A N D O U F A ZER • ESTA OBRA NO ANO D • 1616	Isto é: <i>Silvestre Fernandez Leiton</i> , etc. O mais curioso na inscriçãõ é LEITON = <i>Leitom</i> : deve ser o apelido de um velho nascido na primeira metade do séc. XVI, o qual manteve na ortografia a tradiçãõ antiga de <i>-om</i> ¹ . Em Castel-Novo, onde tive por companheiro o Rev. ^{do} P. ^e Augusto José Pereira, adquiri os seguintes objectos: carta pergaminacea de um sangrador de 1764, como brasão; uma chave de ferro antiga, e espelho de porta artistico (est. III, fig. 15), tambem antigo, — ofertas da Ex. ^{ma} Sr. ^a D. Ana Gamboa; uma moeda portugueza de prata do sec. XVII, e uma de cobre do sec. XVIII; uma Pratica de <i>barbeiro</i> ,
--	---

¹ Para muitas pessoas a ortografia antiga é sinal de nobreza: *Feyo*, *Maya*, etc. Aqui em Lisboa havia antes da reforma ortografica (e não sei se ainda ha) um alfaiate que tinha na loja uma taboleta em que o nome do seu officio se escrevia tambem com *y*. De pouco se contentava!

Coimbra 1693; um coração de pau, artistico, que serviu de pendente; uma chapa me-talica de cinturão, do séc. XIX.

Além das aquisições que ficam mencionadas, fiz em Alpedrinha as seguintes:

duas lapides romanas,—oferecidas pelo S.^{or} Francisco Godinho Boavida, que me prometeu enviá-las para o Museu (ainda porém não as enviou);

um pataco de D. João VI, bem conservado,—oferta do S.^{or} Antonio Osorio de Azevedo¹;

várias moedas portuguesas de prata dos secs. XVII a XVIII,—oferecidas pelo D.^{or} Eduardo Correia de Castro, medico;

várias moedas portuguesas de prata, dos secs. XVII a XIX, duas de prata dos secs. XV e XVII, seis romanas de cobre achadas nos arredores de Alpedrinha, e uma tambem romana e de cobre achada em Almeida,—oferta do S.^{or} Antonio José Salvado Mota;

um exemplar da *Orologia da Gardunha*, de José Inacio Cardoso, Lisboa 1848,—oferta do S.^{or} Antonio Inacio Ramos Cardoso, filho do autor²;

um exemplar (muito raro) do *Regulamento Municipal da villa d'Alpedrinha*,—oferta do mesmo S.^{or}

Em Alpedrinha obsequiaram-me tambem com informações, ou por outra modos, os S.^{ors} José Marques Tarouca, comerciante e vereador da Camara do Fundão, Jaime Roxo, Official do Governo Civil de Castelo Branco, e Manuel José Giraldes, proprietario.

25 de Agosto de 1916.—Parti, à tarde, para o Fundão. Teve a bondade de me acompanhar o S.^{or} Jaime Roxo, a quem ha pouco me referi. A estrada que de Alpedrinha vai para o Fundão está aberta na Serra da Gardunha, ao Sul, e por ela seguimos. À direita, na aba de um dos contrafortes da serra, chamado *Cabeço da Forca*,

¹ Este S.^{or} teve a bondade de me enviar ultimamente uma collecção de cantigas populares acompanhadas de musica.

² Acêrca de José Inacio Cardoso, vid. Inocência & Aranha, *Diccionario Bibliográfico*, IV, 372, e XIII, 14. O S.^{or} Antonio Inacio, que é muito instruido, e amigo das boas letras portuguesas e latinas, deu-me a respeito de seu pai alguns apontamentos biográficos que transcrevo em apêndice (n.º 1) ao presente artigo, porque completam o que dizem aqueles autores. Já depois de escrita esta nota o S.^{or} Antonio Inacio me enviou para o Museu um raro exemplar de outra obra de seu Pai, e unico que ele possuia: *Regulamento municipal da villa d'Alpedrinha*, Lisboa 1852.

porque deve ter aí havido uma, deixámos Alpedrinha com o seu casario de telhados não pintados e desprovidos de chaminés¹. Para outro lado, em baixo, estende-se uma imensa campina, pertencente em parte ao concelho de Fundão, e em parte aos de Castelo Branco, Idanha e Penamacor, bordada de montes. Por detrás d'estes ha ainda outros, do Alentejo, e até da Hespanha. A campina verdeja de pinheiros, castanheiros, oliveiras, carvalhos, salpicada de manchas brancas que correspondem a sítios em que ha restolho de cereais, principalmente centeio. Ao chegar-se à Portela², a estrada fórma um ângulo, e surge de repente diante de nós nova e deslumbrante paisagem, entre outra encosta da Gardunha e a Estrela ennevoada: é a *Cova da Beira*, com a vila do Fundão, Alcaide, Fatela, Capinha, Pero-Viseu, Valverde; e já nas fraldas da Serra da Estrela, Tortosendo e Covilhã. Esta segunda paisagem é menos ampla que a primeira, e mais acidentada de montes. A estrada vai agora por momentos quasi fechada de *reboleiros*, isto é, castanheiros novos, mas bravos, que se condensam de um lado e do outro. Depois vêem-se Donas, Chões e Teixugas, e entre três morros da Gardunha a aldeia de Alcongosta. Próximo do Fundão recreia-se a vista nos verdes e copados pomares que circundam a vila³.

¹ Ao contrário do que acontece no Alentejo e no Algarve, onde as casas com frequência apresentam vistosas chaminés (vid. *Historia do Museu Etnologico*, pp. 56 e 385-387), nas casas do distrito de Castelo Branco (Idanha, etc.) o fumo geralmente sai pelo vão das telhas, porque as cozinhas não são forradas. Às vezes a chaminé é feita de duas telhas encostadas uma à outra, «como mãos postas» (expressão que lá ouvi ao povo), e ligadas por cal. Não raro serve de chaminé a metade superior de um pote velho.— A expressão «como mãos postas» já a vi tambem empregada em duas revistas literarias, de cada vez por seu autor:

Nihil sub sole novum já nos disse
Salomão noutro tempo, e com verdade!

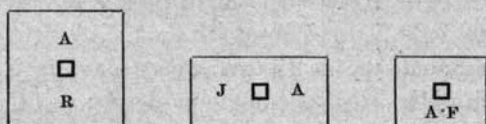
² A Portela propriamente dita é onde passa o caminho velho, e há aí, como me dizem, uma garganta. A Portela de que falei no texto chama-se *da Estrada*. A palavra *Portela* quere dizer «passagem» entre montes, sentido semelhante ao de *porto*: «*Portos* ou passagens dos Pyrineus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras» (Garrett, *Romanceiro*, t. II, 1875, p. 245 nota).

³ *Fundão*, é nome de muitas localidades, e provém de um substantivo da lingua comum: «estava acolá naquelle *fundão*, desfeito em pedaços, e mais o cavallo» (Camilo, *Vinte horas de liteira*, 2.^a ed., p. 105), «casa de Vila-Cova. O vestigio unico de vida naquele *fundão* era o rolo de fumo que o vento rarefazia» (Idem, *O Bem e o Mal*, 1863, cap. I, p. 10). Eu tambem ouvi o vocabulo na linguagem do Sul, por exemplo, nesta frase: «avista-se o *fundão* por onde a ribeira cola», isto é: o vale por onde a ribeira corre (Alcáçovas, 1895). Deriva do substantivo

26 de Agosto a 2 de Setembro.—Demorei-me todos estes dias no Fundão, e apliquei-os principalmente a buscas (às vezes bem trabalhosas!) na vila, e a excursões pelos arredores.

No dia 27, que foi um Domingo, assisti à procissão de S. Sebastião, que se realizou de tarde. À frente d'esta iam estandartes ou *guiões*, e as bandeiras ou insignias das capelas do Espirito Santo, da Senhora da Luz, da Senhora do Miradouro, do Coração de Jesus: levavam-nos homens e rapazes. Seguia-se a imagem de S. Jorge, de capacete, lança comprida, e escudo, montada num cavalo verdadeiro, e acompanhada de rapazinhos, já vestidos de anjos, já a cavalo como pagens. Após S. Jorge viam-se andores de diferentes tamanhos, mas pequenos todos; os menores ao ombro de crianças, — para que condissem as proporções! Entre os andores caminhava um S. Joãozinho a pé, — outro menino, coberto com a pele de um cordeiro. Até aqui nota-se que a procissão tinha carácter um tanto infantil. O último andor era o de S. Sebastião. Logo se arrastavam duas longas filas de mulheres, vestidas de escuro, de chaile e lenço, com tochas na mão, em cumprimento de promessas. Por fim o palio (com os padres), filarmónica, e muito povo, que enchia a rua. Tudo com grave recolhimento. A procissão saiu da capela de S. Sebastião, deu volta à vila, e recolheu à mesma capela. À noite houve arraial, fogo e música; por essa ocasião fez-se a *venda das ofertas*.

Em 28 havia mercado no Fundão, a que acorreram os povos da vizinhança. Vendia-se tudo: frutas, louças, gado, panos, calçado, quin-quilharias. As cousas miudas estavam expostas, como de costume, em tendas. Vem a proposito notar o seguinte. No largo que faz frente aos Paços do Concelho ha várias pedras quadrangulares (0^m,30 × 0^m,30, etc.) assentes no chão, nas quais se gravaram letras, em volta ou ao lado de um orificio central, por exemplo:



Figs. 16 a 18.

fundo: mero augmentativo, como *covão*, de *cova*, que exprime idea paralela; cf. *Fundo das Arcas* (Tras-os-Montes), nas *Religiões*, I, 254, nota 3, onde *fundo* significa pouco mais ou menos «bacia», em sentido geografico.—Na Figueira da Foz ouvi em 1896 chamar *fundégo* (=fund-ego) a um «vale fundo».—Em Montemor-o-Novo usa-se *alfundão* (= al-fundão), «cova funda», quasi sinonimo de «barroca». É mais um caso, como parece, de junção do artigo arabico a um nome romanico.

E ha outras, só com letras, e sem orificios, como:



Figs. 19 e 20.

As pedras da primeira serie, às vezes dispostas em fila, são para se fixarem os espeques das barracas, e as da segunda para assentos; as letras designam as iniciais dos nomes dos tendeiros. Fica esta explicação aqui, porque pode acontecer que um dia as pedras se soltem e vão para longe: assim se evita que futuros archeologos quebrem a cabeça tentando decifrar letreiros que, embora de apparencia enigmatica, são contudo muito simples.

Entre várias pessoas com quem me relatei no Fundão, de algumas das quais terei de falar adiante, devo aqui já citar duas, com quem lidei mais: o S.^{or} Alberto Cardoso, neto do escritor José Inacio Cardoso (vid. supra, p. 21), e que, como os bons engenhos da epoca do Renascimento, exerce ao mesmo tempo umas poucas de artes, pois é desenhador, gravador, ourives, etc.; e o D.^{or} José Monteiro, moço de vinte e tantos anos, que se reparte pela advocacia, pelo cultivo das Musas (é autor da *Terra da Beira*, collecção de delicadissimos versos) e por investigações regionais de caracter historico-etnografico. Se a officina do S.^{or} Cardoso se tornou, por assim dizer, o meu pouso habitual, onde eu escrevia cartas, guardava pacotes do que ia adquirindo, maquinava *ataques* a pessoas que possuíam cousas susceptiveis de virem por dadia ou venda para o Museu, o D.^{or} José Monteiro foi meu companheiro quasi inseparavel: não dei um passo na vila à procura de objectos, não fiz uma excursão archeologica, em que ele não me auxiliasse eficazmente.

No dia 29 visitei a Aldeia de Joanes, que pouco dista do Fundão. Acompanhou-me o D.^{or} José Monteiro, o S.^{or} Alberto Cardoso, e o meu colega na Faculdade de Letras, José Joaquim Nunes, que fôra ter comigo ao Fundão. *Joanes* é nome moderno: o -s foi acrescentado, como em *Jaimes* por *Jaime*, *Metildes* por *Metilde* ou *Matilde*. Em documentos que lá consultei lê-se o seguinte: 1628, 1683, 1755, *Aldea de Joanne*; 1804, 1805, *Aldea de Joannes*. O uso da ortografia com -s deve pois ter começado pelos fins do sec. XVIII. Nesta aldeia relatei-me com o S.^{or} Agostinho da Costa Nogueira, pessoa muito viva, eloquente e obsequiadora: ofereceu-me cinco moedas de prata, portuguezas, dos secs. XVII e XVIII, e dezassete de cobre dos secs. XVIII e XIX; um exemplar do *Regulamento da policia municipal*

(isto é, Código de Posturas) do *Fundão*, 1875; um exemplar do *Quadro da Beira Baixa*, de José Inacio Cardoso, n.º 1 (e unico), Lisboa 1861; um exemplar do n.º 1 da *Estrella da Beira*, jornal politico que se publicou em Alpedrinha, de 31 de Agosto de 1864 em diante¹; um sachinho antigo, de ferro, achado num campo (est. III, fig. 21).

Em 30 fui às Donas, outra aldeia vizinha, que se transformou em centro de novas excursões: Teixugas, Santa Menina e Alcongosta. Havendo eu tomado conhecimento de que no sítio da Santa Menina tinha aparecido em tempo um sarcophago de chumbo, corri lá com o D.^{or} José Monteiro, e efectivamente vim a averiguar do paradeiro de restos do sarcophago e de objectos de ouro que jaziam nele,—o que tudo depois obtive, como direi no appendice II; além d'isso colhi muitas notas *in loco* e em Teixugas, e fragmentos de vasilhas romanas. Estas andadas levaram-nos a manhã toda, e só viemos a almoçar numa venda pelas onze horas e meia,—almôço etnografico, semelhante a outros que eu já tivera: presunto assado, *azeitonas galegas*, *queijo cabreiro*, *peras pigaçãs*, *pão de cal*. O *pão de cal*, designação tirada do aspecto da massa, é do tipo chamado vulgarmente «pão hespanhol», e marcado como ele: a marca (nome do fabricante) impõe-se-lhe com uma especie de sinete de pau.

Nas Donas encontrei-me com o Rev.^{do} José Lourenço Tavares, Conego da Sé de Loanda, africanista, e autor de uma *Gramatica da lingua do Congo (kikongo)*, Loanda 1915, o qual, além de um exemplar da *Gramática*, que me deu a mim pessoalmente, me ofereceu para o Museu os seguintes objectos gentílicos: um idolo ou *nkixé* da Quissama (margens do Coanza), marcado com tatuagem cruciforme; uma especie de espanejador feito de correias de boi presas à cinta de outro idolo, e que serve para o comandante de um batalhão de Pretos do Congo agitar diante do inimigo, batendo nele com um *machete* ou facalhão, que o S.^{or} Conego tambem me ofereceu. Estimei particularmente êste espanejador, porque ajuda a compreender uma superstição que uma vez observei no Alentejo: quando vai um caçador para a caça, a mulher bate-lhe nas pernas com uma vassoura, para ele ter sorte. Evidentemente, tanto no idolo africano, como na superstição alentejana, temos perante nós concepções animisticas. O Preto agita o espanejador, certamente para afastar os espiritos maus que o podem perseguir; a mulher bate com a vassoura nas pernas do marido com o mesmo intuito, embora o sentido esteja já

¹ Não averigui quando acabou, mas pelo menos durou até 1868.

obliterado¹. A vassoura é correntemente um instrumento de bruxedo: para se evitar a acção das Bruxas coloca-se detrás da porta uma vassoura com a rama para o ar (Obidos, etc), ou uma vassoura de giesta atravessada por outra em cruz (Beira Baixa); quando uma Bruxa se levanta da cama para ir para o *sabbat*, deixa lá uma vassoura que a represente, e o marido não dá conta da saída (Belgica)²; numa balada de Goethe, posta em musica por Dukas, uma vassoura, por efeito da recitação de uma fórmula mágica, muda-se em *Kobold*³; as Bruxas cavalgam pelo ar numa vassoura (*passim*)⁴; em Roma, quando alguém morria, e se purificava a casa, empregava-se uma especie de vassoura—*extra verrere*—, e o herdeiro que procedia a esta operação chamava-se *everriator*⁵. Os espiritos são tenues como o cisco: por isso o emprêgo da vassoura para os expulsar ou para lidar com eles tem alguma logica. Com a mesma ordem de concepções se relaciona outra superstição nossa: varrer a casa à noite para a rua é expulsar a felicidade. Mas tratar d'isto levar-me-ia longe. Voltarei a falar da minha excursão beirã.

Das Donas subi com o meu amavel e illustre companheiro de trabalhos, D.^o José Monteiro, uma ingreme ladeira que nos levou a Alcongosta, ladeira onde a par com a fadiga nos apanhou uma boa bâtega de ágoa, que nos obrigou a recolher numa casa de campo, quasi cheia de batatas. A palavra *Alcongosta* compõe-se, quanto a mim, de dois elementos: *al*, artigo arabico, e *congosta*, nome da longoa comum, variante de *cangosta*, que significa «rua ou caminho estreito, entre muros»; *congosta* vem do latim *canalis angusta*, como mos-

¹ A purificação era tida na origem como de natureza fisica: susceptivel de lavar, limpar. Em Car Nicobar exorciza-se um possesso, enlambusando-o com sangue de porco, e fustigando-o com folhas. Os Gregos empregavam com intuito semelhante folhas de loureiro. Vid. sobre tudo isto Frazer, *La tâche de Psyché*, 1914, pp. 217-218.

² E. Monseur, *Le Folklore wallon*, Bruxelas s. d., § 1196.

³ A balada intitula-se «O aprendiz de feiticeira»: vid. *Sämmtliche Werke*, t. 1, Estugarda 1863, pp. 52-53.

⁴ Uma agoa-forte de Goya intitulada «Linda maestra» mostra uma nessas condições, e de mais a mais acompanhada de uma aprendiz: vid. *Caprichos de Goya*, Madrid 1868, est. 68 (na est. 78 representa-se tambem, como creio, uma Bruxa com uma vassoura). Acêrca da expressão *mestra*, dada aqui a uma Bruxa, cf. as minhas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pp. 67-68.—De as Bruxas andarem montadas em vassouras ha numerosos exemplos no *Folklore universal*; asbtenho-me de citações, para não alongar muito a nota.

⁵ Vid. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, s. v. «funus» (vi, 1397).

trei na *Revista Lusitana*, iv, 273. Não é este o único exemplo em que o artigo arabico se junta a um nome de origem latina. Em Alcongosta apenas obtive para o Museu: três moedas de prata, do tempo de D. João IV e D. João VI, e um pêso português de ferro, com quatro sulcos paralelos,—este ultimo oferecido pelo S.^{or} Antero Caldas Barbosa.

No dia 31, de manhã, andei pela vila do Fundão, onde obtive varios objectos; de tarde voltei a Alpedrinha, acompanhado do D.^{or} José Monteiro, e dos S.^{ors} Alberto Cardoso e José Joaquim Nunes. Em Alpedrinha obtive varios botões antigos, e uma medalhinha de bronze.

1 de Setembro.—A Junta de Paroquia do Telhado, aldeia vizinha do Fundão, dera-me, por intermedio do S.^{or} Sales Viana, Professor de desenho do Liceu de Castelo Branco, uma bela lapide com inscrição romana, e isso fez que eu lá fôsse, para colhêr informações circunstanciadas acêrca da mesma: em verdade colhi algumas de que falarei quando publicar a inscrição. Na ida a Telhado me acompanhou o S.^{or} José Monteiro, o Prof. José Joaquim Nunes, e o S.^{or} Francisco Anacleto Salvado.

Foi este o último dia que passei no concelho do Fundão. Na vila fiz as seguintes aquisições, durante a minha estada nela:

uma caixa de tabaco, uma farpa de pau, de caçar porcos, um feixe de flechas, um assobio de marfim,—tudo da Ilha de S. Tomé, oferecido pelo S.^{or} José da Conceição Delgado Lial;

um amuleto, alguns jornais antigos, e várias miudezas literarias,—oferta do mesmo S.^{or};

dois denarios da epoca consular, do Alcaide, oferecidos pelo S.^{or} Eduardo de Almeida Vitoria, farmaceutico e administrador do concelho, a quem fui apresentado pelo S.^{or} José Marques Tarouca, de Alpedrinha;

um punhal antigo, de cabo de osso, muito elegante,—oferecido pelo D.^{or} José Monteiro;

uma argolinha de ouro, e corrente do mesmo metal, apparecidas na sepultura de Santa Menina (vid, supra, p. 313), e cedidas ao Museu pelo D.^{or} Guilherme da Cunha Vaz, médico municipal, a quem fui apresentado pelos S.^{ors} Alberto Cardoso e José Monteiro;

um pedaço do sarcophago de chumbo de Santa Menina, de que já falei (obtive-o por compra);

um sarilho artistico, obra pastoril de Castelo Branco,—oferecido pelo S.^{or} Joaquim Delgado França, do Fundão, estudante;

nove moedas de prata portuguesa dos secs. XVI-XVIII, onze de cobre dos secs. XVIII-XIX, e um dinheiro de bolhão da 1.^a dinastia,— oferta do D.^{or} Adolfo Portela, funcionario público, e apreciado poeta;

um aro de *situla*, de bronze, e respectivas armelas antropomórficas, achados no sítio da Santa Menina, e oferecidos pelo S.^{or} José Trigueiros Osorio de Aragão Martel (Idanha-a-Nova),— objectos que preenchem uma lacuna no Museu Etnologico, onde, se já havia muitas armelas antropomórficas, não havia ainda nenhum aro: este mostra o uso das armelas, que para alguns archeologos foram a principio objectos enigmaticos;

um denario consular, da familia *Marcia*, achado em Manteigas (Beira);

uma moeda de prata de D. João V, três moedas de cobre do sec. XVIII, uma medalha de bronze da Senhora da Nazaré, de 1905 (com a exposição do milagre e uma inscrição), um ornato de bronze, de movel, e outras miudezas,— tudo ofertas do S.^{or} Antonio Joaquim Gonçalves;

um *petisco* de aço, com ornatos, feito por um ferreiro da localidade;

um idolo de prata, dos que os Hindus costumam deitar na caixa das oblatas de S. Francisco Xavier em velha Goa,— oferta do S.^{or} Conselheiro José Navarro Pereira de Andrade (est. IV, fig. 22)¹;

uma campainha de bronze, antiga (do convento de Santo António da Piedade).

2 de Setembro de 1916.— Parti de manhã cedo para a Covilhã, acompanhado do meu colega Nunes; foi também conosco parte do caminho o D.^{or} José Monteiro. Passámos por Valverde, Fatela, Capinha e Pero-Viseu.

A pia baptismal da igreja de Valverde pousa em quatro cabeças de animais em que avulta a dentuça². O Rev.^{do} José de Oli-

¹ Como é sabido, não só os Cristãos, mas também os Hindus, prestam culto ao tumulo de S. Francisco Xavier.

² Acêrea de pias baptismas em cujas faces ou em cujo pé se figuram animais, monstros ou seres humanos, vid. Caumont, *Cours d'antiquités monumentales*, t. VI (1841), pp. 56, 73, etc. Nas *Noções de Archeologia* de Possidonio da Silva, Lisboa 1878, p. 285, vem uma pia baptismal do mesmo genero (certamente estrangeira), pertencente ao sec. XVI. Sob as pias baptismas das Sés Velha e Nova de Coimbra ha também, por exemplo, quatro liões em cada uma, dispostos simetricamente.

veira Ramalho, prior da freguesia, teve a bondade de me ceder dois denarios ibéricos provenientes do tesouro achado no Alcaide (vid. supra).

Em Fatela informei-me de que ha uma estação romana nos arredores: vi de lá, num quintal, uma base de coluna, e dois *pondera* de barro (já deformados para servirem de pesos modernos, e por isso os não adquiri), e ouvi falar de tegulas.

Ambas estas aldeias são viçosas, e cortadas de ribeiros. A estrada vai por entre campos, e era um consólo apanhar a fresquidão matinal tanto mais que o dia ameaçava calor.

Eu empenhava-me em ir a Capinha, para ver se descobria o paradeiro das inscrições romanas de que fala o *Corpus I. L.* II, 453; porém nada pude descobrir; só depois de muitas perguntas a mulheres boçais, que pasmavam em chusmas à roda de mim, cheguei a saber que num caminho do sítio da Bica, ao pé de uma propriedade de Francisco de Carvalho, existia um pedregulho com letras: fui lá, debaixo de ardente sol, em companhia do S.^{or} José Lial Feiteiro, amigo do D.^{or} José Monteiro, e realmente encontrei uma lápide em que li *TANGINVS*, nome bastante freqüente na epigrafia lusitano-romana da Beira Baixa. Segundo informações que colhi de um aldeão que habitava perto, a lápide tinha vindo de pouca distância, do lado de cima do caminho, onde aparecem várias pedras aparelhadas, como de edificios; por baixo do caminho, num pomar, vi eu muitos cacos antigos, e tejos (ou *xijolos*, como diz o povo) de aspecto romano, e o aldeão de que acima falei deu-me um *pondus* de barro, que encontrára no mesmo pomar. Mercê dos esforços do referido S.^{or} José Lial Feiteiro, a lapide já a estas horas está no Museu Etnologico.

Em Pero-Viseu não nos demorámos: apenas verifiquei que a povoação é imundissima, e falha de ágoas, apesar de ao meio d'ela se erguer uma fonte monumental, ornada de cruz e piramides, como é freqüente.

3 de Setembro de 1916.—Permaneci na Covilhã. Eu ia apresentado aos S.^{ors} D.^{or} Jaime de Almeida Campos, médico municipal, e Carvalho & Tarouca, comerciantes. Além d'isso relacionei-me com os S.^{ors} Acrísio de Aguiar, Presidente da câmara, e Alberto de Oliveira, funcionario da Secretaria da mesma. Todos estes S.^{ors} foram incansaveis em me conceder facilidades para os meus estudos.—O dia 3, Domingo, ocupei-o em dar expediente à numerosa correspondencia, official e particular, que tinha na posta-restante, e em me preparar para partir para a Serra da Es-

trêla, que eu muito queria conhecer¹. É costume, por causa do vento e do sol, levarem os excursionistas na cabeça chapéus de palha, de copa alta e afunilada, e de abas muito largas. Cada um de nós, o meu amigo Nunes e eu, comprámos pois também seu chapéu, pelo preço de um tostão, na loja dos S.^{rs} Carvalho & Tarouca, e eis-nos a cavalo, ao fim da tarde, pela Serra acima até o Sanatorio, onde ficámos num hotel que aí ha, sucursal do Covilhanense.

¹ Sem pretender esgotar a *bibliografia serrana*, aqui cito:

1) *Viriato Tragico*, por Brás Garcia Mascarenhas. Tenho presente a 1.^a ed.: Coimbra 1699. O A., supondo, segundo a tradição literaria, que Estrela corresponde ao Herminio dos Lusitanos, e que Viriato era de lá, fala muitas vezes da Serra no seu poema, mas nem a primeira identificação se pôde fazer (vid. *Religiões da Lusitania*, II, 34, e n. 5), nem se pôde dizer que Viriato fosse do Herminio (vid. *Religiões*, III, 156).

2) *As Alagoas da Serra da Estrela*, por Abreu Castanheira, Lisboa 1836.

3) *Expedição á Serra da Estrela*, promovida pela Sociedade de Geografia em 1881: Secção etnografica, por Marrecas Ferreira, Lisboa 1883. É só a 1.^a parte: narram-se aí eruditamente as lendas da Serra, conhecidas pela tradição literaria.

4) *Quatro dias na Serra da Estrela*, por Emygdio Navarro, Porto 1884.

5) *Serra da Estrela*, por Adelino de Abreu, Coimbra 1895.

6) *Sousa Martins e a Serra da Estrela*, por Mendes dos Remedios, Viseu 1898 (folheto).

7) *Viagem á Serra da Estrela*, por Sousa Lacerda, Lisboa 1908.

8) «Em terra de lobos», n-*Os Serões*, 2.^a serie, vol. VII (1908), p. 231, etc. e vol. VIII (1909), p. 190, etc.

9) *Guia ilustrado*: publicação do grupo de propaganda da Serra da Estrela (Nelas): Porto 1914 (folheto).

10) Artigos varios, publicados por ocasião da expedição da Sociedade de Geografia: «Quinze dias na Serra da Estrela», por E(duardo) C(oelho), em varios numeros do *Diario de Noticias* de 1881; «As lendas da Serra da Estrela», por F. A. Coelho, no mesmo *Diario* (21 de Setembro de 1881); «Expedição scientifica á Serra da Estrela», por E. da S., no mesmo *Diario* (21 de Agosto de 1881); «Na Serra da Estrela», por Gabriel Pereira, no *Manuelinho de Evora*, n.º 41 a 50, de 1881; «Tradições populares da Serra da Estrela», artigo meu, publicado a primeira vez num jornal portuense, e reproduzido nos *Ensaios Ethnographicos*, II, 130 sgs.

11) Lenda da Serra da Estrela in *Archivo Pittoresco*, III, 309.

Tem-se fantasiado muito acêrca da origem do nome de «Estrela», e contudo ela é bem simples, ao que parece: *Estrela* está por *Nossa Senhora da Estrela*, nome de alguma ermida, que depois se generalizou. Esta explicação é do S.^o Pedro de Azevedo, que a confirma com outras analogas: *Igreja, Calçada e Rua da Estrela* em Lisboa. — Não faltam no onomastico palavras semelhantes: assim, por exemplo, junto do Zêzere, no concelho de Ferreira do Zêzere, ou proximo, ha o *Castelo da Estrela*, onde existe uma capela dedicada a «Nossa Senhora da Estrela»; como nesses sitios ouvi dizer em 1895. — Cf. também a expressão *Virgem da Estrela* em Gil Vicente, I, 142 (ed. de Hamburgo).

4 de Setembro de 1916.—O meu colega Nunes, por incommo de saúde, não se sentiu com forças para fazer a travessia da Serra: de modo que fui eu sòzinho. Além do arrieiro, levei comigo uma guia¹, homem possante, bem educado, e excelente conhecedor da Serra: o tio Jerôlmo, como o arrieiro, que era mais moço, lhe chamava.

Parti às 7 da manhã. A temperatura estava muito baixa (parecia inverno), e o vento soprava atrozmente no zimborio do meu chapéu de palha. Como a caminhada que eu tinha de fazer,—parte a cavallo, e parte a pé—, era grande, não pude tomar muitas notas, e quasi me circunscrevi em copiar no meu caderno, à pressa, e transtornado pelos solavancos da cavalgadura em que eu ia montado, os nomes que a minha guia me ditava.

Antes de começar a narração, devo definir três termos que apparecem nella várias vezes: *nave*, *assentada* e *covão*. Tanto *nave* como *assentada* designam vastos descampados, mas, segundo o que inferi da explicação do tio Jerôlmo, a *nave* tem serras em volta, e a *assentada* não tem. O *covão* é um vale fundo.

Ao sair do hotel está a *Entrada da Nave*, e depois a *Nave da Areia*, que tem à direita o *Pêio da Varanda*, e à esquerda o *Cabêço dos Passarinhos*. A palavra *pêio* vem do latim *podium*, que significa «eminência», e d'aí deriva *Poiares*, palavra muito frequente no nosso onomastico; o francês *Puy* procede da mesma origem. *Varanda* apparece noutras regiões da Beira como designativa de certo rochedo lendario²: o povo compara a cada passo penedos com objectos de uso, partes da casa ou do corpo, animais, etc. Da comparação com o corpo humano resultou *cabêço*³. À *Nave da Areia* segue-se a *Fonte da Pedra*, a *Fraga do Rodeio*, o *Alto do Portelinho*, a *Nave de Santo Antonio*, vestida de cervum, com o *Espinhaço do Cão* em frente. Na *Nave* houve uma capela de Santo Antonio, e d'aí tirou o nome. *Espinhaço* não é raro como designação de «penedia», e a metáfora está

¹ Assim se diz em português clássico, e não *um guia*. Na Comédia *Ulyssippo*, ed. de 1787, p. 98, lê-se: *uma boa guia*. N-*O Lyra*, de Diogo Bernardes, ed. de 1820, p. 123: «ha mister certa guia». Nos *Lusiadas*, II, 63: *certa e sabia guia*. E em todos estes exemplos a palavra de que trato significa, de modo geral, «pessoa que guia».—Tambem dizemos *uma testemunha*, quer a palavra se refira a mulher, quer a homem.

² *Religiões da Lusitania*, I, 373.

³ No *Diccionario* de Moraes tambem se regista *cabeça de monte*. Entre *cabeça* & *cabeço* ha a mesma relação gramatical que entre *cima* & *cimo*, *coruta* & *coruto*.

bem achada. À esquerda da Nave de Santo Antonio, em baixo, vê-se a *Nave de Unhais*, assim chamada por ficar perto de Unhais da Serra. Creio que *Unhais* deriva de *unha*, no sentido de «certo vegetal»: cf. *unha de cavallo*, *unha de gato*, etc., designações botânicas provenientes de metáforas, que são fontes fecundíssimas do lexico. Adiante da Nave de Santo Antonio: *Covão da Mulher* e *Covão do Ferreiro*. O caminho é por vezes muito pedregoso, formando *escalões* ou *escádias* («escadas»).

A Serra não tem arvoredos, mas além do *cervoêro*, ou relva de cervum, que serve de pasto aos gados e atapeta de verde uniformemente o chão, ha nela algumas plantas humildes, como *jôna* ou *jôina*, *abetouro*, *pantanejo*, *sôrgaço* (sargaço), *piôrno*, *azimbrêro* (zimbreiro)¹, *feto*. As plantas mais grossas, quando queimadas pelos pastores e pelos viajantes, deixam raízes secas e troncos, que parecem ossadas: o povo chama-lhes *cávedas*, palavra que ouvi na Covilhã e a gente de Manteigas². Em meio do cervum aparece uma ou outra tímida flor (*campainha*)³, que regala os olhos, acaso cansados de fitarem hervagens e penedias.

Aqui e além encontram-se sôbre um penedo umas pedrinhas acasteladas: são *pontos* ou *sinais*, feitos por algum pastor que ali pas-

¹ O povo chama principalmente *azimbrêro* ao arbusto (a *Juniperus nana* dos botânicos) e *azimbre* à baga do mesmo: d'esta, por infusão em água-ardeite, se faz genebra; e os meus companheiros não se cansaram de apanhar bagas para depois a fazerem.

² A palavra *cáveda*, por **cávada*, constitue uma variante de *cádava*, arquivada no *Novo Dicionário* no sentido de «conjunto dos troncos do mato, que ficam de pé depois das queimadas e ainda serve para lenha», e aí comparada com uma castelhana de igual fôrma. Todavia *cádava*, segundo o Dicionário da Academia hespanhola, não é propriamente palavra castelhana, mas asturiana; temos nela o feminino do galego *cádavo*. Já em 1892, num artigo intitulado «Antiguidades do Cadaval», publicado no *Clamor do Bombarral*, expliquei as palavras *Cadaval*, *Cadavaís*, *Cadavão* e *Cávado* (antigamente *Cádavo*) como pertencentes à familia a que pertence *cádavo*. À mesma familia pertence *Cadaveira* (*Cadaveiras*, *Cadaveiro*), *Cadavosa* (e *Cadavoso*). Como me informa o meu liustre amigo D.^o Joaquim da Silveira, a palavra *cádavo* ou *cádevo* (pronúncia *cadvo*) existe em Arouca e significa «o que fica dos troncos mais grossos das plantas depois da queimada». Vê-se que *cádava*-**cávada*, e *cádavo*-*cávado* tiveram out'ora grande extensão ao Ocidente da Peninsula, sobretudo na parte de Noroeste.

³ Creio que o *cervum* é a *Nardus stricta* dos botânicos: cf. Marrecas Ferreira, *Ethnographia da Serra da Estrella*, 1883, p. 15. A *campainha* é a *Campanula Herminii*: eundem, ibid., p. 16; e cf. Pereira Coutinho, *Flora de Portugal*, Lisboa 1913, p. 601. A designação de *Herminii* provém da falsa crença de que a Serra corresponde ao Herminio dos antigos.

sou, e os fez para outros não se enganarem no caminho. Isto evoca um conto popular em que uns rapazinhos numa viagem deixam cair cascas de nozes, que lhes ensinam por onde hão-de voltar. Na Estremadura, quando duas ou mais pessoas tem de ir a qualquer parte, cada uma por sua vez, por exemplo, ao mato ou à herva, combinam que a primeira que passe em determinado sítio aí risque uma cruz no chão com um pau, com uma pedra, com um carvão, etc. Processos naturais e primitivos de indicar itinerários¹. Outra obra vi de pastores, e igualmente de character primitivo: uma construção arredondada, de uns 3 metros de diametro, descoberta, e feita de pedras soltas, que formam um muro baixo. Tem o aspecto da fig. 23: em *a* dorme o pastor, e em *b* faz cozinha. É um abrigo para passar a noite no verão. O gado fica na relva, em tórno.

Segue-se a *Assentada da Torre*, extensa e *plaina*. Grandes silêncios abraçam a Serra! Que paz para quem a deseja, e raro a encontra em Lisboa! Quando muito, ouve-se crocitar um corvo que voa rapido ao de cima dos penedos, ou o balido longinquo de um rebanho. Tudo isto a par com a solidão, a pureza do ar, e a da ágoa, que brota por toda a parte! Como ficam longe os miasmas fisicos e sociais da capital! Proximo da *Torre* encontrei um pastor de Alvôco da Serra, de 44 anos, de botas de cano, çafões, e manta de lã ao ombro; levava um sacco de estôpa com pão, e uma *ferrada* de lata (caldeira) para ordenhar o leite das cabras. Pouco falei com ele, por falta de tempo; só lhe ouvi uma cantiga. A *Torre*, como lhe chamam, é uma alta piramide de pedras assentes umas nas outras, e que marca a altitude de 2:000 metros: teve uma lapide com inscrição,

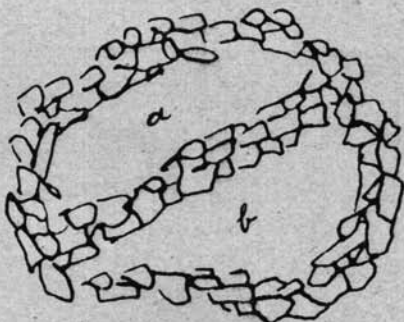


Fig. 23 — Abrigo de pastor (Serra da Estrela)

¹ A um montão de pedras formado num campo ou num caminho chamavam os Gregos *ἱμαίος λόφος*, ou de modo analogo, e havia d'estes montões perto de Itaca, na Elida, na Laconia. «C'étaient là les vestiges d'un temps où, à défaut de chemins tracés, le voyageur n'avait pour se guider que ces pierres entassées de distance en distance, auxquelles à son tour il ajoutait la sienne. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, III, 130. — Em francês antigo: *montjoie*, «petit monticule de pierres... pour indiquer les bons chemins», — *Dict. génér.*, s. voce. — Cf. também *Elucidario* de Viterbo, s. v. «feis de Deus».

que brutos pastores deitaram a terra; li ainda a parte que transcrevo abaixo.

Da Torre desci para outros covões: de Loriga, etc. À direita ha uma relva e no meio uma *arieira*, isto é, um depósito de areia nativa, resultante da decomposição de rochas, e que denominam a *Salgadeira*, por causa da semelhança da areia com sal: «mostra fazer as vezes de sal», explicou a guia. À esquerda branqueja a *Alagoa de Loriga*, muito pequena; do mesmo lado se vê a *Portela de Loriga*, passagem entre dois asperos montes.

Às 11 horas e meia acampamos na *Fonte dos Perus*, onde almoçámos, e bebemos agua frigidissima, que foi preciso cortar com umas gôtas de água-ardente. A uns passos da Fonte estava armada uma barraca de lona, que vim a saber pertencia ao S.^{or} E. Fleury, Engenheiro suíço e Professor do Instituto Superior Tecnico



Fig. 24 — Pastores da Serra da Estrela"

de Lisboa, o qual andava estudando Geologia, e a quem encontrei horas depois carregado de pedras. Junto da barraca estavam dois pastores a que o acaso quis correspondam as figuras de um bilhete postal que reproduzo na fig. 24 (ed. da Havanesa Central de Coimbra): um dos pastores toca pifano, o outro, sentado no chão, ouve atento a musica do companheiro. D'aqui passei à *Assentada da*

Fonte dos Perus e a uma *malhada* ou casa de pedra solta, de 1 metro de alto, sem telhado, mas com porta, para o gado *amalhoar* (repousar) ao meio-dia; depois veio o *Alto das Varandas*, de enormes fragas, e o *Covão Grande*, rodeado também de penedia. A imaginação fatiga-se em buscar comparações para designar as obras gigantescas que a Natureza fantasticamente lhe apresenta, e o lexico esgota-se, ministrando termos que exprimam ideias de magnitude!

Ao ver, minutos depois, um amontoado ciliindrico de pedras, de 1^m,5 de altura, e de uns 2 metros de diâmetro, perguntei à guia o que vinha a ser aquilo: respondeu-me que era um *malhão* (fig. 25), que ao mesmo tempo servia de marco de partilhas, e constituía

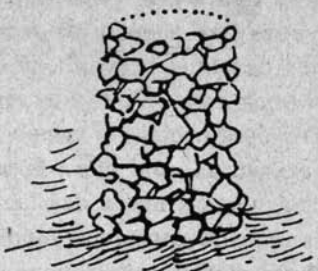


Fig. 25 — *Malhão* (Serra da Estrela)



Fig. 26 — Lagoa Comprida: vid. p. 36

mais um amparo para o pastor, enquanto o gado amalhoava. A *malhão*, no sentido de «balisa», já eu me referira na *Rev. Lusitana*, x, 136-164.

Após atravessarmos muitos fragedos, *entaladas*¹ e *cervoêros*, cheguei, à 1 hora e meia, a outras *Varandas*, estas agora medonha-

¹ *Entalada* é uma passagem estreita entre duas lajes ou penedos.

mente a prumo sôbre a *Lagoa Escura*, que formava o *terminus* da minha excursão¹. Junto da Lagoa Escura, e apenas separada d'ela por lajedos, fica a *Lagoa Comprida* (fig. 26, de um postal da Havanese Central de Coimbra), que o é bastante, e de águas claras. Das lendas que povoam as lagoas ou *alagoas* (estas também são povoadas de patos bravos!), já outros autores tem tratado², e eu proprio alguma cousa disse nos meus *Ensaio Ethnographicos*, II, 130 sgs. Por agora, como o tempo me escasseava, só colhi a seguinte. Uma vez vieram aqui uns passageiros com um Preto, e disseram-lhe que mergulhasse numa das lagoas, preso por uma corda, e levasse uma campainha para tocar quando se visse afrito, e o poderem puxar: o Preto mergulhou, e numa aflicção tocou a campainha, mas quando o puxaram, vieram só os ossos, porque os *bichos* lhe haviam comido a carne. Também ouvi que no inverno as lagoas dão urros que se ouvem no Fundão e noutras terras afastadas, ao que alude Brás Garcia de Mascarenhas, quando diz da Lagoa Escura:

Esta, quando se altera entre a clausura
Das penhas, que combatem ventos e ondas,
Mais que o soberbo mar se encolerisa,
Retumba longe, e perto atemorisa³.

Na volta segui o mesmo caminho até a Fonte dos Perus. Ao chegarmos à Fonte, desandámos para a esquerda, por perto da *Lagoa do Peixão*, e do *Cântaro Chã* (não *Cântaro Chão*). Provavelmente *Cântaro Chã* (assim ouvi várias vezes) está por *Cântaro da Chã*, com supressão de *da*, como é corrente. *Cântaro* designa penedão, e o de que estou falando parece realmente raso em cima; também se lhe chama *Cântaro Raso*. Adiante encontrei o *Curral do Çantiêro*, feito por pastores, e uma grossa camada de neve, disposta como uma laje que escavassem por baixo. Desci para logo a *Rua dos Mercadores*, aberta entre duas filas de penedos, que, como o povo nota, se assemelham a balcões de venda: acho muito engenhosa esta denominação. O *Cântaro Magro* surge em seguida diante de nós, altíssimo e retalhado; em baixo, à esquerda, vêem-se as nascentes do Zêzere,

¹ No caso presente não sei se a palavra *Varandas* é geralmente usada, ou se foi empregada apenas pela minha guia para designar as escarpas que estão a cavaleiro da Lagoa Escura.

² Cf. Marrecas Ferreira, *Ethnographia da Serra da Estrella*, p. 31 sgs.

³ *Viriato Tragico*, Coimbra 1699, c. XI, est. 32.

que corre em filamentos pelo *Covão da Ametade*, e à direita um como poço profundo ou abismo de rochas, com o nome bem expressivo de *Bôca do Inferno*. A distância, que à vista se crê inferior a dois hectómetros, avulta o *Cantaro Gordo*. Ambos os Cantaros representam montanhas de pedra! O Gordo mais extenso e farto que o Magro, este mais elevado que o primeiro. O povo achou parecença entre a fôrma de um penedão e a de um cântaro; talvez para isso contribuisse o nascerem por vezes rios ou fontes debaixo das rochas: não que o cântaro fôsse sem fundo, como o tonel das Danaides, mas porque o imaginariam voltado a despejar água.

Por fim tomámos pela *Barroca das Queijeiras*, *Covão do Palheiro*, *Val da Fonte do Palheiro*, *Covão do Ferro*, e *Covão do Boi*, até o *Covão da Mulher*, onde passáramos antes, e d'onde agora partimos para o Sanatorio com o itinerario da ida. *Barroca* é uma escavação comprida, feita pelos temporais do inverno, e que então fôrma ribeiro, secando porém no estio: nesta de que falo acumulam-se, uns sobre outros, como queijos numa queijeira, varios penedos arredondados. D'onde deduziriam melhor os Serranos a comparação, do que de uma indústria com que lidam cotidianamente? No *Covão do Palheiro* a penedia dá idea de um «palheiro», que assim se diz a meda de palha amontoada na eira ao fim da malha: aqui tambem a metфора se originou num círculo de cousas domésticas, visto que pelos arredores se cultivam muito os cereais, especialmente o centeio. O *Val da Fonte do Palheiro* é sem dúvida um dos sitios mais amenos da Serra, verde, cercado de rochas ou columnas a pino, como um templo egipcio, e com água serpeante pelo meio da relva. O *Covão da Mulher* diz Tavares de Proença Junior que tirou o nome de uma mulher que aí viveu numa cabana: vid. adiante. Para as denominações dos *Covões do Ferro* e *do Boi* contribuíram razões especiais, que me escapam, e que não pude averiguar.

No *Covão da Mulher* detive-me uns instantes ao pé de uma cabana de carvoeiro, que devo descrever, porque, como o *chôço*, de que falei a cima, p. 307, nos transporta *in mente* a tempos primitivos, em que as moradas dos homens não difeririam muito d'estas: é uma escavação debaixo de um rochedo, fechada adiante por uma paredinha de pedras sôltas, em que se deixou uma porta de 0^m,89 $\times$ 0^m,49; em todo o rebôrdo dianteiro do penedo fez-se, com torrões endurecidos, e aglutinados com bosta de boi, uma especie de friso ou beiral de telhado, que, quando chove, encaminha a água da chuva. Ao lado da cabana, e em frente a outro penedo que está contiguo ao primeiro, estabeleceu-se um recintozinho cercado de pedras miudas, em guisa

de patio ou cozinha (vid. um esboço na fig. 27)¹. Para complemento do aspecto prehistorico d'esta vivenda, direi que ao pé passa um rêgo de agoa, e que dentro da cabana encontrei um percutor de pedra, que o carvoeiro lá deixou, e que lhe servia, segundo penso, para amolgar as pontas das brôchas que lhe fizessem saliencia no interior dos çapatões (vid. fig. 28, $\frac{2}{3}$ do tamanho natural)². Tudo era em verdade prehistorico, menos os ultimos!

Quando cheguei ao Sanatorio eram 7 horas da tarde. O percurso levava 12 horas. Do Sanatorio regressei à Covilhã na mesma tarde.

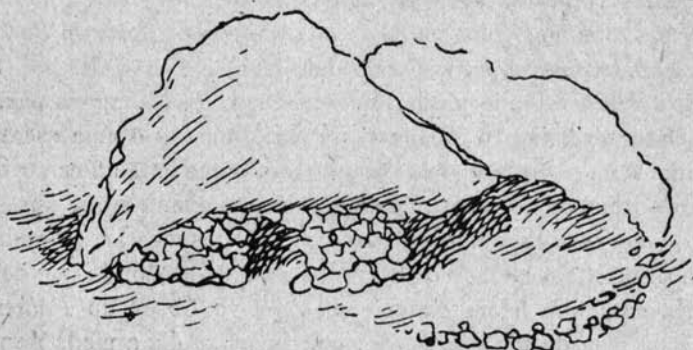


Fig. 27 — Cabana de carvoeiro (Serra da Estrela)

5 de Setembro de 1916.—Visitei o arquivo da Câmara Municipal e o museu particular do S.^{or} Antonio Franco.

O Arquivo da Câmara contém alguns pergaminhos dos secs. XIII a XVI, além de papeis e livros manuscritos. A palavra *Covilhã* pronuncia-se hoje geralmente precedida de artigo: *a Covilhã*; todavia devo acrescentar que em varios documentos que consultei no Arquivo encontrei sempre a palavra sem artigo: *Couilhã*, 1323; concelho de *Covilana*, 1322; *Scã Maria de Covilhã*, 1332; concelho de *Couylhã*, 1339; *en Covilhã*, 1341; *congelho de Cuuylhã* (*sic*), 1343; *em Covilhã*, 1390; *villa de Couilhã*, 1536. Costuma explicar-se a palavra por *Cova Juliana*, alegando-se uma lenda gotica, mas isto não passa de fantasia. Para a refutar, basta lembrar que ha muitas loca-

¹ Cf. tambem Tavares de Proença Junior, *Sobrevivencias*, I, «As *queijeiras* redondas e as cabanas da Serra da Estrella», Leiria 1910, p. 6 sgs.—Eu não vi senão uma cabana no *Covão da Mulher*.

² Êste percutor tem em cima, de um lado, um sulco natural em que se firmava o dedo indicador, e do outro uma depressão artificial para se firmar a cabeça do *pollex*. O desenho que apresento é de Saavedra Machado.

lidades e casais assim chamados nos distritos de Braga e do Pôrto¹; na matriz da freguesia de Vairão (Vila do Conde) encontrei mencionado um *sítio da Covilhã*, e na freguesia de Vila-Nune (Cabeceiras de Basto) ha outro sítio com o mesmo nome, conforme leio no *Primeiro de Janeiro* de 29 de Maio de 1885; de mais a mais ha *Covilhãs*, no plural, em Lousada. À mesma familia pertence tambem talvez *Covilhão*, nos mesmos distritos de Braga e Pôrto². Como é que de *Cova Juliana* havia de provir tudo isto?

No museu do S.^{or} Antonio Franco ha quadros, porcelanas da India, faianças portuguezas, armas, peças de vestuario, objectos gentilicos, e sobretudo uma riquissima baixela de prata revestida de moedas portuguezas antigas, postas de modo que não se estragaram, pois estão seguras por grampos, e podem facilmente extrair-se. As moedas são de prata, e, segundo um rapido lance de olhos que lhes dei, não raras, pelo menos a maior parte d'elas; por isso escusam de lamentar-se os numismaticos, pois mais vale ter assim conservadas as moedas, do que vê-las fundir em cadinhos de inexoraveis ourives. As mais antigas moedas que examinei datam do reinado de D. Manuel I; mas tambem ha lá um *grave* de D. Fernando (bolhão). O grosso d'elas pertence aos secs. XVII, XVIII e XIX; estas últimas, do tipo antigo do reinado de D. Maria II (*pintos*), anteriores à reforma monetaria. O S.^{or} Franco teve o cuidado de não empregar moedas modernas, nem de repetir exemplares em cada peça. A baixela foi descrita no n.º 61 (de 31 de Agosto de 1916) do



Fig. 28 — Percutor moderno
(Serra da Estrela), p. 38

Povo d'Idanha, e aí verificará o leitor que ela se compõe de 24 talheres de mesa, cada um formado de três peças: de outros 24 de sobre-mesa, cada um formado de cinco peças; de 36 colheres de café e chá, 4 serviços de peixe, 12 pinças para fruta, 4 tenazes de salada, 12 rólhas de garrafas para licores, 6 floreiras, 6 galleteiros, 6 saleiros, 6 pratos para doce, 6 fruteiras, 6 paliteiros, 24 taças para champanhe, 6 taboleiros, 6 salvas, e um enorme centro de mesa, que pesa 27 quilos. Confesso que fiquei assombrado perante tamanha magnificencia, e que

¹ Baptista, *Chorographia*, VIII, 172.

² Baptista, *ibidem*.

achei bastante curiosa esta adaptação das moedas à arte, embora eu soubesse que na antiguidade outro abastado proprietario possuira na Galia uma pátera de ouro,—a famosa pátera de Rennes da Biblioteca Nacional de Paris—, incrustada de *aurei* imperiaes romanos¹. O S.^{or} Franco é tambem *franco* de acções, e não sòmente no nome, pois me ofereceu para o Museu Etnologico um delicado machadinho prehistorico de fibrolite, uma chapa de cinturão antiga (portuguesa), outra com um emblema metalico da Guarda Nacional, um ceitil de D. João II, bem conservado, e trinta e duas moedas de cobre portuguezas dos secs. XVIII e XIX, todas igualmente bem conservadas.

6 de Setembro de 1916.—Fiz buscas, e adquiri outros objectos que aqui especifico:

uma moeda de ouro, de D. Sebastião («500 reaes»);

um ferro de engomar antigo, oferta dos S.^{ors} Sebastião Fernandes Moço & Irmão;

um machado de bronze de canelura e argolas, mas com o gume incompleto,—oferta do S.^{or} D.^{or} Manoel José Gonçalves dos Santos Gascão²;

um exemplar dos *Subsidios para a monografia da Covilhan* por Moura Quintella, Covilhã 1899,—oferta dos S.^{ors} Carvalho & Tarouca;

um exemplar de *A Covilhan* (outra monografia, Lisboa 1911,—oferta do S.^{or} Acrisio de Aguiar;

onze denarios da Republica Romana, apparecidos na Aldeia de Mato, concelho da Covilhã, e oferecidos pelo mesmo S.^{or} D.^{or} Gascão;

um *cambo* de ferro, de «1769», por compra;

um *espelho* de porta artistico com cruz, de ferro,—por compra;

¹ Vid. Chabouillet, *Catalogue général*, Paris s. d., p. 359.

² Êste machado appareceu por 1900-1915 na margem esquerda da ribeira do Paúl, entre Orondo e Paúl, com mais nove que tiveram vário destino (quatro entregues ao Conde de Almedina para irem para o Museu das Janelas Verdes, três enviados para o Museu de Castelo-Branco, um oferecido ao Coronel Teixeira Machado, e hoje perdido, etc.): estavam sôbre um penedo que pouco a pouco se cobriu de terra, e que na data mencionada veio a ser escavado. Vê-se que os machados formavam um *ripostiglio* ou tesouro.—O S.^{or} D.^{or} Gascão faleceu já depois de escrita esta nota: vid *Diario de Noticias* de 27 de Novembro de 1916, onde vem a sua biografia e um retrato.

o rosto e algumas folhas de um exemplar da 1.^a edição dos *Diálogos* de Amador Arraiz.

Além de adquirir os mencionados objectos, tive ensejo de admirar outra obra de arte: uma escultura magnífica, executada em 1865 por Manoel de Moraes Silva Ramos, da Covilhã: é de buxo, inteiriça, e representa, com grande delicadeza de engenho e finura de traços, a Senhora da Conceição sobre um globo; por baixo d'êste está a scena do Nascimento de Cristo.—A Silva Ramos se deve tambem a feitura de várias medalhas: *A Real Sociedade Humanitaria do Porto*, 1852; visita da familia real ao Porto, 1852; à memória de Carlos Alberto (dedicada a Victor Manoel II), 1854; monumento de D. Pedro V, 1864¹. D'ele falam, em obras consagradas à nossa Medallistica e Numismatica, Lopes Fernandes², Teixeira de Aragão³, Artur Lamas⁴, etc. Tanto as medalhas como a escultura vi-as em casa de um neto, o S.^{or} Antonio Moraes Canaveira, que espero dê a algum investigador apontamentos com que possa escrever-se a biografia do gravador e escultor Silva Ramos, que bem a merece. Na ocasião em que estive na Covilhã, o S.^{or} Canaveira não os tinha à mão, e por isso me não demorei mais um dia para os aproveitar. Vid. o appendice III.

7 de Setembro de 1916.—Retirei-me de manhã para Pinhel, unica cidade que me faltava conhecer em Portugal.

As Companhias dos caminhos de ferro tem por vezes o enganoso costume de dar às estações nomes de terras que ficam muito longe; assim acontece quanto a Pinhel, que dista da estação do seu nome algumas legoas. A estação nem sequer oferece meios de condução para a cidade; quem quizer ir a esta, tem de, como eu fiz, tomar bilhete para Vila Franca das Naves, d'onde parte para lá uma diligência.

Eis-me pois dentro de uma carripana, puxada por cavalos macerimos. Eramos quatro passageiros e uma criança; no caminho aggregou-se-nos mais um. Iamos como que entrouxados. Por duas vezes se fez preciso apeiar-nos por que os animais não aguantavam o peso nas subidas. Passei por várias aldeias: *Cerejo*, entre vinhas e olivais;

¹ O Museu Etnologico possui exemplares da primeira e da segunda: vid. os n.^{os} 71 e 78 do Catalogo publicado pelo D.^{or} Artur Lamas no *Arch. Port.*, xiv, 84 sgs.

² *Memoria das Medalhas*, Lisboa 1861, p. 100 sgs.

³ *Descripção geral das moedas*, t. I, Lisboa 1875, p. 90 (noticia biografica).

⁴ *Medalhas Portuguezas*, t. I, Lisboa 1916, p. 197, etc.

Hervas Tenras, onde um dos passageiros desceu com o pretexto de dar de beber ao cocheiro, mas porque ele também queria beber; *Souro* (ou *Sôro*) *Pires, Mata*. Depois avistei ao longe a extensa serra de Marôfa, e Pinhel. A cidade fica numa península formada pelas ribeiras da *Pêga* e das *Cabras*, que se juntam num local chamado por isso *Entre-Agoas*, e que em seguida correm unidas até o Côa. Para entrar na cidade atravessei numa ponte a primeira das mencionadas ribeiras, e entrei, como é costume, ao toque da corneta do cocheiro.

Em Pinhel tive a boa companhia do S.^{or} José Veiga de Carvalho, proprietário, a quem eu ia apresentado, e do S.^{or} A. Justino Ferreira, Inspector escolar, com quem me relacionei no hotel, Estes S.^{ors} apresentaram-me a outros (P.^a José Nunes, Teodósio Alves da Silva, José Alves da Silva, Luís Caldas Pereira). todos os quais me obsequiaram.

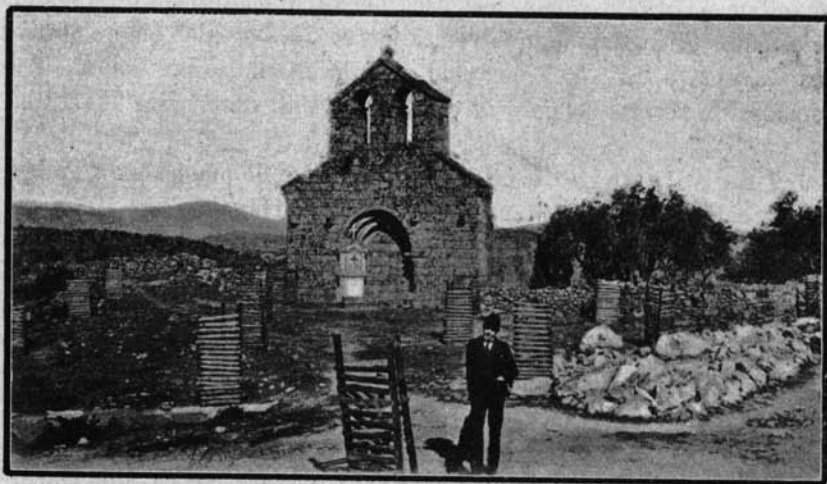


Fig. 30 — *Templo do Senhor da Coluna* (Pinhel)

8 de Setembro de 1916. — Vi quanto podia ver em um unico dia; o pelourinho, que sobressae elegante em meio da praça; o templo (arruinado) do Senhor da Coluna (fig. 30, de um bilhete postal, ed. de Cruz Melo), fôra de portas; o castelo, as igrejas, a casa da Camara, o exterior do antigo paço do bispo (hoje quartel), o do convento dos Capuchos, etc. Além d'isso colhi cantigas populares, o que causou certa estranheza na povoação, fiz buscas archeologicas (pouco rendosas, porém), e extractei nomes de propriedades rusticas em matrizes da Repartição da Fazenda.

Pela cidade existem muitas casas brasonadas, de famílias que em parte já não habitam nelas. Também se encontram janelas artísticas, ornamentadas de «bolas», e outras guarnecidas externamente de faixas de granito, às vezes com feitios. Havia uma janela muito bonita, que era geminada, mas quebraram-lhe o septo (de pedra), e puseram vidraças. Uma capelinha, com um brasão episcopal, serve de misera taberna. O castelo cai pouco a pouco em ruínas, e a igreja de Santa Maria, apesar da sua bela talha, jaz quasi sem culto. Tudo isto mostra que Pinhel antigamente teve certa grandeza, mas que está hoje em decadencia. É uma cidade morta, que nem se quer possui um liceu, ou uma escola industrial¹.

A capela da Misericórdia é muito notavel, com sua porta manuelina, boas talhas, campas belamente esculpturadas, um guardavento de rótula, um sacrario de gesso de «1537»: mas os mesarios olham para tudo isto com triste desmazêlo. No templo de S. Luis, que serve de igreja paroquial, conservam-se azulejos do sec. XVII na capela-mor, forrando-a, e do lado do Evangelho vê-se a sepultura rasa de D. CHRISTOVAÕ DE ALMEIDA SOARES PRIMEIRO B.º DE PINHEL, falecido, como lá se diz, em 1780. As portas da sacristia tem almofadas bem lavradas, salientes como repolhos. O pulpito é de granito, com esculpturas.

Do castelo restam muros e duas tórres desmanteladas, ambas elas com *mâchicoulis* ou «mata-cães». Das paredes de uma das tórres copiei as seguintes marcas de canteiro²:

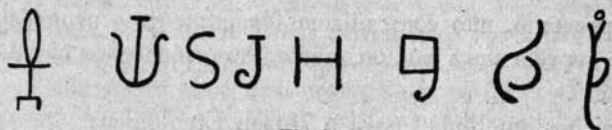


Fig. 51

A procissão de *Corpus Christi* era outr'ora muito aparatosa em Pinhel, como em geral em todas as nossas cidades e vilas. Iam os camaristas, apumados, com suas faixas e varas, ia o regimento agaloado, as juntas de paróquia de todo o concelho, e representantes das

¹ Em 1863 dizia Camilo C. Branco no romance *O Bem e o Mal*, cap. III, p. 28: «... terras abençoadas do obscurantismo, como era o termo de Pinhel, e continuará a ser por estes quatro seculos por vir, em virtude de lhe andar por longe das raias o caminho de ferro». A profecia não pôde ainda cumprir-se de todo, porque os quatro seculos ainda não passaram; mas já se cumpriu até o presente!

² Excepto a 1.ª e a 6.ª, todas as outras se repetem. A 2.ª pode considerar-se assim, ou invertida. A letra J repete-se invertida.

indústrias da terra, os quais empunhavam bandeiras com emblemas. Na casa da Câmara conservam-se ainda bandeiras ou insignias de damasco com medalhões de tela ao centro, pintados a óleo, nos quais se representa respectivamente:

1) um moinho de vento, com um moleiro cá fora, que conduz um gerico com carga¹:—bandeira levada por um moleiro;

2) uma vista de Pinhel, e no campo dois almocreves com cavalgadas, um adiante, a pé, outro atrás, a cavallo:—bandeira levada por um almocreve;

3) uma costureira que costura sôbre uma almofada,—bandeira levada por um alfaiate;

4) a oficina de um çapateiro, o qual empunha na mão esquerda um martelo, e segura na direita um livro², ostentando-se ao lado, sôbre uma banca, uma tesoura, uma sodela, uma faca e um furador, e vendo-se pendurado da parede um par de çapatos:—bandeira levada por um çapateiro;

5) a oficina de um ferreiro, o qual, muito còrado, martela na bigorna ao pé da forja:—bandeira levada por um ferreiro.

A par com estas bandeiras:

6) uma de sêda verde, com um emblêma bordado que representa um cereal:—levada por um lavrador.

Hoje a procissão continúa a fazer-se, mas, já se vê, sem caracter official: são vários devotos que a promovem. As referidas insignias figuram ainda nela.—Convem conservar certos costumes que, como no caso presente, não contradizem formalmente o progresso, e pelo contrário servem para pôr ou manter no espirito dos cidadãos apêgo à vida local.

Aquisições em Pinhel para o Museu Etnologico:

«seis vintens» de D. João V, de prata, e uma moeda de «cinco réis» de 1901 (Açôres),—oferta do S.^{or} António Joaquim Pereira Apolinário;

um manuscrito do sec. xvii, oferecido pelo S.^{or} Antonio Bernardino de Figueiredo, alferes do exército;

um instrumento prehistorico, de pedra polida.

Não pude obter mais nada.

¹ Actualmente, embora nos arredores da cidade haja muitos moinhos de agoa, ha só um de vento que não funciona.

² Entende-se que é para se indicarem nele as medidas do calçado,

II

Na Beira Alta

Nelas.—Nota sobre a «campanha de Santa Barbara»

9 de Setembro de 1916.—Parti de manhã, pelo mesmo processo da vinda, para Vila Franca das Naves. Em Vila Franca tomei bilhete para Nelas, aonde cheguei ao fim da tarde, e onde pernoitei. Em Nelas falei com o S.^{or} Evaristo Faure, farmacêutico, e com o S.^{or} Eduardo Augusto Mendes, mestre-latoeiro, ambos já meus conhecidos de outra visita.

O S.^{or} Faure é entusiasta de excursões à Serra da Estrela, e faz parte de um *Grupo de Propaganda* que tem a séde em Nelas, e que, além de um *Relatorio* vindo a lume em 1916, publicou para uso dos excursionistas: *Guia illustrado*, Porto 1914; *Suplemento ao «Guia illustrado»*, ibid. 1915. Ao S.^{or} Faure devo a posse de um exemplar de cada um d'estes três folhetos.

O S.^{or} Mendes possui alguns objectos archeologico-numismaticos: vasilhas de estanho, pesos de ferro, ferragens, *campanha de Santa Barbara* (para afastar as trovoadas)¹, e várias moedas: portuguesas

¹ A campanha d'êste genero me referi nas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, p. 64. Segundo me consta, algumas de tais campanhas vem de Roma, benzidas pelo Papa.—Os povos incultos supõem que os trovões e as tempestades, como todos os phenomenos da Natureza, são devidos à acção de espiritos: Cf. Tyllor, *La civilisation primitive*, II, 340 sgs. Estas ideas foram tambem dos povos antigos, e d'êles restam vestigios nas classes menos illustradas dos povos civilizados da actualidade. A Igreja, quando venceu o Paganismo, acolheu-as igualmente no seu seio, e attribuiu a maldade dos phenomenos naturais ao Diabo e seus companheiros. Na *Prática de exorcistas* do P.^e Bento Remigio, traduzida em português pelo P.^e Manuel Rodrigues Martins, e impressa em Coimbra em 1694, vem a fl. 371 sgs. um exorcismo «contra as tempestades de trovões, rayos, sarayva, e ventos», onde se pede a Deus que dissolva as nuvens *ut alligata potestas dæmonum impie desaevientium deficiat et turbetur*. O som das campanhas e sinos expulsa os espiritos ruins; e os antigos ligavam-lhe por isso grande importancia, como purificador: cf. Jahn, «Ueber den Aberglauben des bösen Blicks bei den Alten» nos *Berichte* da Sociedade das sciências de Leipzig, 1885, p. 79; e Sittl, *Die Gebärden der Griechen u. Römer*, Leipzig 1890, p. 116, nota 7. Os santos irlandeses amaldiçoavam os magicos e os incredulos, levantando a mão esquerda, ou batendo com o bordão numa campanha portatil: *Revue Celtique*, XXXII, 249; a p. 248 vem uma fotografia da *cloche de Saint-Patrice*, que é como um chocalho. Numa legenda de um sino lê-se: *a fulgure et tempestate libera nos, Domine*: vid. *Acta Bollandiana*, XXIX, 339-340. Vid. tambem: *La Cultura* (italiana), XXVIII, 214; *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, 1898, 390-476; *Bulletin du*

da 1.^a dinastia (de bolhão), de D. Manoel I e D. Sebastião (de prata), da 4.^a dinastia (de prata e de cobre); estrangeiras, de ouro e de prata. Apesar de ser coleccionador, obsequiou-me com uma moeda arabica de prata (*dirheme*), a qual eu trouxe para o Museu Etnologico.

III

Na Beira Ocidental

Sintaxe da palavra «Luso».—Coimbra

10 a 12 de Setembro de 1916.—Parti de Nelas para Luso, onde descansei três dias (um d'êles Domingo).—Na localidade ouvi pronunciar à gente de lá e de povoações vizinhas *em Luso, de Luso, a Luso*. Deve pois dizer-se e escrever-se *Luso*, sem artigo, e não *o Luzo*, como vulgarmente se faz.

13 de Setembro de 1916.—Parti de manhã para Coimbra. Aqui visitei algumas pessoas das minhas relações, e lancei uma vista de olhos ao «Museu do Bispo» (arte religiosa), que eu já conhecia, e ao «de Machado de Castro» (arte e arqueologia gerais), de que também conhecia a parte que mais me importava conhecer. O primeiro d'estes museus (ambos eles magnificos) é considerado por lei como uma secção do segundo.

Na visita do Museu «de Machado de Castro» teve a bondade de me acompanhar o seu insigne Director, o S.^{or} Antonio Augusto Gonçalves, que, além de me dar muitas explicações acêrca dos objectos que iamos vendo, me ofereceu os seguintes opusculos concernentes aos dois museus: *Noticia historica e descriptiva dos principaes objectos de ourivezaria existentes no thesoiro da Sé de Coimbra*, Coimbra 1911; *Museu Machado de Castro, notas*, Coimbra 1916.

À noite voltei para Lisboa.

gloss. des patois de la Suisse romande, VIII, 18; *Bulletin de Folklore* (Belgica), III, 6; Bellucci, *Amuletti italiani*, Perugia 1898, pp. 84 e 85.—As campainhas pequenas que se usam nas cabeçadas dos cavalos e burros, uma de cada lado, a titulo de enfeite, devem ter sido originariamente amuletos. O mesmo caracter attribuo em parte aos chocalhos, campainhas, guisos dos cavalos e do gado (até por vezes têm cruzeiros).—A Igreja dispõe de rezas para benzer os sinos e as campainhas; num *Manual breve=coleccão de bençãos e absolvições*=composto por um religioso de S. Francisco, Pôrto 1788, ha a p. 29, uma bênção em que se diz: *benedic, .. Domine, cimbalum hoc .. ut ubicumque sonuerit, procul cedat .. percussio fulminum, laesio tonitruum, tempestatum calamitas, et omnis spiritus procellarum*».

APENDICE

I

José Ignacio Cardoso

(Vid. supra, p. 309 e nota 2)

José Ignácio Cardoso nasceu em 31 de Julho de 1806, no lugar e freguesia da Barroca, concelho do Fundão.

Foi-lhe pôsto o sobrenome —Ignácio—, por ter nascido no dia em que a Igreja reza do instituidor da Companhia de Jesus, como era uso muito seguido então.

Foram seus pais Luís Francisco Cardoso e Joana Maria Cordeiro, aquele da Barroca, e esta de Alpedrinha.

Concluído, com aproveitamento notavel, em Alpedrinha, o estudo da lingua latina, então considerada base e princípio de toda a educação literaria ou scientifica, seguiu para Coimbra, a frequentar as aulas de ulteriores disciplinas, e ali se conservou até que os revoltos tempos da mudança de fórma de governo e a morte de seu padrinho e grande protector D.^{or} Manuel Rodrigues da Fonseca Leitão o obrigaram a desistir do curso universitario e a regressar aos lares patrios.

Pouco tempo depois casou em Dornelas com D. Maria Antónia Gil Ramos, de quem houve três filhos; dos quais vivem actualmente António Ignácio Ramos Cardoso e D. Maria Antónia Cardoso dos Santos.

Volvidos anos, tendo enviuvado em 1840, e havendo-lhe falecido, 6 anos depois, sua mãe em Alpedrinha, foi fixar residência naquela vila, onde possuía parte dos bens de seu património, e ali exerceu, por vezes, as funções de juiz ordinário e de vereador municipal, cumulativamente com a administração de seus bens e com a lição de bons livros, que nunca descurou.

Na intermitência de suas occupações ordinárias escreveu e publicou:

1) *Orologia da Gardunha* «ou breve descripção topografica da serra da Gardunha considerada no seu estado actual. Povoações existentes d'um e d'outro lado da montanha. Noticia sobre a apparição de Nossa Senhora da Serra e sua romaria. Trasladação da mesma Senhora para a Egreja de Castelo Novo, com um mappa apropriado ao aspecto da serra, etc., etc.». Lisboa 1848.

2) *Noticias biograficas do Desembargador José Acurcio das Neves*. Lisboa 1849.

- 3) *Regulamento municipal da villa de Alpedrinha*. Lisboa 1852.
- 4) *Quadro da Provincia da Beira Baixa*, n.º 1 (e unico). Lisboa 1861.
- 5) Vários artigos insertos no *Commercio de Coimbra*, sob a epigrafe de «Miscelanea», .
- 6) e na *Estrêla da Beira*, de que foi colaborador, pelos anos de 1863 a 1868, em Alpedrinha¹.
- 7) Deixou alguns manuscritos acêrca das vilas de Castelo Novo e Alpedrinha, que eram por ventura materiais destinados à continuação do *Quadro da Provincia da Beira Baixa*.

Nos seus últimos anos passou a residir em Atalaia do Campo, nas proximidades de Alpedrinha, onde havia contraído segundas núpcias com sua sobrinha D. Joana Luísa de Matos Cardoso, e ali faleceu em 31 de Agosto de 1878, em idade de 72 anos e 1 mês completos.

Jaz sepultado no modesto cemitério d'aquella antiga vila, ao lado do seu condiscípulo e constante e dedicado amigo José Maria Sarafana, de quem foi inseparavel até na morte!

II

Sepultura da Santa Menina (Fundão)

(Vid. supra, p. 313)

«Num sitio denominado a Santa Menina, descobriu-se ha pouco², quando se procedia a uma sorribo numa propriedade do fallecido Sr. Pedro Pinto dos Santos, um tumulo de cantaria, tendo dentro um caixão de grosso chumbo, no fundo do qual estavam collocadas duas amphoras de vidro com desenhos de flores³, e no qual apenas se encontraram umas moedas de cobre e prata, um fiozinho e anel de oiro. Este precioso achado devia ser conservado num Museu de Archeologia⁴ . . foi porém tudo destruido, sendo o oiro e chumbo

¹ [Possuo dois numeros d'este jornal, um de 1865, com um artigo de Ignacio Cardoso intitulado «Estado actual da instrucção publica no extincto concelho d'Alpedrinha e do Fundão» (artigo curioso e erudito); outro, de 1866, intitulado «Nossa Senhora de Mércules na cidade de Castello-Branco». — J. L. DE V.]

² [O artigo é de 1901, como adiante digo. — J. L. DE V.]

³ [Deve entender-se: *dois unguentarios de vidro*. Vulgarmente dá-se o nome de *amphora* a qualquer vasilha antiga, de forma estreita. Os *desenhos de flores* são fantasia; certamente o que motivou a designação foi a terra que internamente estava aderente ao vaso, ou qualquer raiz. — J. L. DE V.]

⁴ [Eis aqui um bom conselho, que tem applicação inumeras vezes; acontece porém que nem sempre os que o dão o tomam para si! — J. L. DE V.]

vendido á socapa, e a cantaria empregada numa varanda da casa do fallecido Sr. João Rodrigues dos Santos. Diz o povo que este tumulo era o de uma filha de um proprietario rico d'aquelle logar, toda cheia de bondade e virtudes; e depois de morta tinha o parecer de uma santa, dizendo por isso os aldeãos: *ai que santa menina!* vindo d'aqui o nome àquelle logar».

Esta noticia lê-se em um jornal do Fundão, intitulado *Horas de Ocio*, n.º 20 de 1901, e está assinada por ALVARO NAVARRO.

Quando estive no Fundão em Agosto de 1916, procurei informações mais precisas acerca do achado, e alguma coisa averigüei, mercê do concurso que me prestou o meu amigo D.^{or} José Monteiro, com quem fui ao proprio local da Santa Menina. O local fica entre as Donas e Valverde, ao NE. e a $\frac{1}{2}$ legoa da vila do Fundão. Acompanhou-nos um dos proprietarios da região, de quem vim a saber que a sepultura apparecêra numa vinha; as informações que ele me deu combinam em parte com a noticia das *Horas de Ocio*: dentro da sepultura havia um caixão de chumbo, e nele estava uma correntinha de ouro, uma argola ou anel da mesma substancia, e uma «garrafinha de cheiro», de vidro. A sepultura era feita «de pedras de cantaria empinadas». Outras pessoas com quem falei disseram-me o mesmo. Só não pude saber ao certo as dimensões do caixão de chumbo: uns afirmavam que era pequeno, do tamanho de 1 metro *plus minus*, para criança; outros que era maior. O nome de *Santa Menina* é antigo, muito anterior á epoca do achado; o povo interpretou logo o tumulo como da «menina» que figurava na designação: por isso não nos deveria merecer inteira confiança a afirmação de que o caixão era pequeno; todavia a versão mais autentica que colhi foi essa (tamanho de 1 metro, *plus minus*), o que combina com o terem-se encontrado em Portugal urnas pequenas, da mesma substancia¹.

A «garrafinha de cheiro» corresponde á «amphora de vidro» das *Horas de Ocio*, e deve entender-se por isto que se fala de unguentarios, como eu já disse na nota 3 de p. 48: ou apparecessem dois, ou apparecesse um. Em qualquer dos casos, nada resta hoje.

¹ Vid. *Religiões*, III, 315. Na própria provincia da Beira Baixa, e numa região vizinha do Fundão, isto é, em Penamacor, appareceu em 1907 um caixão funerario, romano, de chumbo, de 1 metro e tanto de comprido: vid. *O Arch. Port.*, XIV, 44 (Santos Rocha).—Leblond, *Cercueils de plomb*, p. 14, fala de sarcofagos de chumbo usados em Beauvais na epoca galo-romana até o sec. IV, pelo menos: alguns apparecidos dentro de caixões de madeira (p. 8), outros dentro de sarcofagos de pedra (p. 5-13). De um ataude em necropole cristã da Hespanha fala Bonsor, *Los pueblos del Guadalquivir*, p. 9.

Do caixão de chumbo obtive ainda para o Museu um grosso pedaço, na loja de um latoeiro do Fundão, aonde o haviam ido vender.

Quanto ao «fiozinho» e «anel» de ouro, tive a boa sorte de também os encontrar. Estavam em poder do D.^{or} Guilherme da Cunha Vaz, que como já disse acima, p. 27, fez o favor de m'os ceder para o Museu.

O «fiozinho» é constituído por hastes pequenas e muito finas, que se enroscam em cada extremidade e se prendem entre si pelas roscas, uma a uma. As roscas formam-se ora por simples dobra, ora por soldadura. Numa das extremidades o fio tem um gancho em que devia prender-se a outro por uma rosca ou argola; digo *devia*, porque o fio está incompleto. Este está em três lugares adicionado de outras tantas contas facetadas, que se movem entre duas roscas á maneira de passadores, e dividem pois o fio em segmentos: o unico inteiro mede 0^m,11. Não pode dizer-se com exatidão o actual tamanho do fio, porque algumas hastes quebraram-se, e acham-se enfiadas no gancho de que falei acima; em todo o caso não se erra muito, afirmando-se que o objecto mede de 0^m,37 a 0^m,38 de comprimento. Vid. fig. 34 (desenho de Saavedra Machado).

Fig. 34 — Corrente de ouro romana (Santa Menina, Fundão)



Fig. 35 — Anel ou aro romano de ouro (Santa Menina, Fundão)

O anel tem a fôrma e tamanho da fig. 35 (desenho de Saavedra): aro que por dentro é liso e por fora é ondulado. Será anel, ou mera argola de suspensão? Nenhum dos aneis romanos que conheço achados em Portugal é d'este feitio: todos são achatados, e com uma pala em que se vê um letreiro, ou em que ha uma pedra, massa, etc. No *Catalogue of the finger rings* do Museu Britânico, por F. H. Marshall, Londres 1907, ha porém alguns parecidos, n.^{os} 984, 988 e 989, pertencentes ao periodo que o autor chama «later Roman», isto é, de cêrca do sec. III da era cristã ao sec. V.

Quer no local da sepultura, quer em vinhas contiguas continuaram a apparecer objectos romanos. D'elles falarei noutra occasião ¹.

¹ Muitas vezes é difficil decidir se certos objectos apparecidos em condições não claramente definidas como os que se representam nas figs. 34 e 35 são da epoca romana ou da visigótica: todavia no caso presente concorrem várias circumstâncias a favor da attribuição romana.

III

Manoel de Morais Silva Ramos

(Vid. supra, p. 329)

Havendo-me o S.^{or} Canaveira enviado ultimamente alguns apontamentos biograficos e bibliograficos acerca de seu avô, o artista Manoel de Morais Silva Ramos, de quem falei supra p. 41, entendo que é util extratá-los na parte que completam a noticia biografica publicada por Aragão¹, e isso faço aqui.

Manoel de Morais nasceu na Covilhã, freguesia de Santa Maria, em 1 de Janeiro de 1806, e faleceu na mesma cidade em 27 de Setembro de 1872². Era filho legitimo de Manoel de Morais, e de D. Mariana Ramalha, ambos tambem da Covilhã. Esteve a educar na Casa Pia de Lisboa, d'onde saiu contratado para a fábrica de porcelana da Vista Alegre, e aqui se conservou até 1833 (vid. *Estudo sobre o estado actual da industria ceramica na 2.^a circumscripção dos serviços technicos da industria*, p. 26). Foi depois para o Porto trabalhar como gravador e cunhador de objectos de ouro e prata. E. Coelho fala d'ele na *Viagem á Provincia*, 1872. Além da medalha de Carlos Alberto (á qual se refere um anuncio publicado no *Lidador*, jornal portuense, em 14 de Setembro de 1854, e pela qual recebeu de Victor Manuel II, rei de Italia, uma condecoração, e de D. Pedro IV, de Portugal, outra), ofereceu a el-rei D. Fernando II em 12 de Dezembro de 1854 uma medalha de prata, e varias medalhas á Camara do Porto, Visconde de Almeida Garrett, Conde da Graciosa, Conde do Farrobo, e outros³. Em 1856 voltou para a Covilhã, onde foi vereador da Camara Municipal no trienio de 1869-1871.

O Sr. Canaveira enviou-me tambem esta tradução do Diploma com que o rei de Italia acompanhou a condecoração dada ao artista Morais, em Turim, aonde este foi levar a medalha de Carlos Alberto:

«Real Secretaria do Grão Mestrado da Ordem dos S. S. Mauricio e Lazaro. — N.º 6518. — Turim 7 de Setembro de 1854. — Sua Magestade, sensivel á homenagem que o Snr. vosso pae lhe fez d'uma medalha que elle gravou e dedicou á memoria do Rei Carlos Alberto,

¹ [Cf. supra, p. 41, nota 3].

² [Aragão, *Descripção geral das moedas*, I, 90, diz «26 de Setembro»].

³ [As medalhas de que se aqui fala deve entender-se que são exemplares das de Victor Manoel, como o proprio Sr. Canaveira me confirmou em carta. Isso mesmo se vê da data, pois aquella medalha foi cunhada em 1854].

quis dar ao Snr. Manoel Moraes um signal particular da sua benevolencia, concedendo-lhe a cruz da Ordem dos S. S. Mauricio e Lazaro, cujas insignias achareis aqui juntas, assim como o diploma relativo.

O Rei reserva-se para vos conceder a vós mesmo, Snr., um testemunho da sua benevolencia, pela attenção que vós tivestes, em trazerdes vós proprio a dita medalha aos pés de S. Magestade e S. S. Magestades as Rainhas; e o Snr. senador Nigra, sub-intendente geral de S. M., vos dará parte das intenções do Rei a este respeito ¹.

Acceitae as minhas felicitações, assim como a certeza da minha perfeita consideração.—Snr. A. Moraes da Silva,—Turim.—O Primeiro Secretario de S. M. no Grão mestrado da Ordem dos S. S. Mauricio e Lazaro: *Cibario*».

IV

Explicação das figuras

- Fig. 1. Instrumento de pedra (basalto) da Abrançalha (p. 296), da epoca neolitica: mede de comprimento 0^m,12, e está partido em duas partes. Este instrumento foi primitivamente machado, mas adaptaram-no depois a brunidor-duplo: tanto o gume como o topo estão perfeitamente puídos.— É vulgar encontrar machados de pedra assim transformados em brunidores ou em percutores.
- Fig. 2. Machado de pedra polida, de Monsanto (p. 305): mede de comprimento 0^m,174, e é não só bastante toscos, mas tem uma falha em uma das extremidades.
- Fig. 3. Machado de pedra polida, da mesma localidade (p. 305): falta-lhe parte do topo, e mede de comprimento, no seu estado actual, 0^m,133.
- Fig. 4. Parte superior de um machado de bronze (p. 305), do tipo que os franceses chamam *à talon*: vêem-se as duas meias-canais e uma argola unilateral. Falta o resto, que na figura se completou com pontos, segundo outro machado congener e completo, também da Beira, e existente no Museu Etnologico. Comprimento do que resta do machado: 0^m,084.—Apareceu na Fonte de Cima, dentro de Monsanto da Beira, junto ao castelo.

¹ [Segundo me informou o S.^{or} Canaveira, o Rei de Italia ofereceu ao artista uma caixa de oiro para rapé].

- Fig. 5. Chapa de latão scutiforme, que tem aderente numa das faces a aguiça napoleonica, feita (fundida) da mesma substancia. Na parte superior do escudo, do lado da frente, ha uma argolinha. Na face posterior ha um botão, ao centro, e tres argolas, uma a cada angulo.—De um cinturão. Talvez reliquia da Guerra Peninsular.—Comprimento 0^m,0735. Vid. p. 305.
- Fig. 6. *Clavis Laconica*, de ferro, a que falta um ou mais dentes, e parte da argola do cabo. Vid. p. 305. Apareceu nos arredores de Monsanto. O cabo mede 0^m,038 de comprimento.
- Fig. 7. Flecha de catapulta, de ferro, com a ponta, ou *cuspis*, de forma de piramide quadrada; mede 0^m,102 de comprimento. Apareceu no lugar do Adingeiro, frêguesia de Monsanto da Beira, onde tambem appareceu uma xorca de ouro, que o achador partiu e vendeu aos pedaços,—xorca que, segundo as informações que colhi, era da familia da que publiquei na *Historia do Museu Etnologico*, p. 368: cf. tambem Pierre Paris, *L'art et l'industrie*, t. II, p. 247, e est. VII, n.º 5. Estas duas ultimas xorcas são de prata, ao passo que a de Monsanto era de ouro; mas no Museu Etnologico ha igualmente uma de ouro, de fios entrançados (achada na frêguesia de Monforte da Beira: n.º de catalogo 42*), no gosto da de P. Paris, est. VII, n.º 4. O que não posso dizer é se a xorca do Adingeiro era de simples fios torcidos, como a que publiquei na *Historia do Museu*, ou de trança, como a de Monforte. Com tres outras xorcas da Beira, de prata, e de fios torcidos, que existem no Museu Etnologico, disseram-me que appareceram denarios da Republica. Como a flecha da fig. 7 é igual a uma de Numancia, que comprei em 1907 a um camponês na aldeia de Garra (Hspanha), e Numancia foi destruida por Scipião no ano de 133, a. C., temos assim certo número de factos cronologicamente concordantes entre si: xorcas, flechas de catapulta, e denarios. Com isto é do mesmo modo comparavel o grande número de denarios da Republica romana que apparecem no aro de Monsanto: vid. supra, p. 305.—Acerca de outras flechas numantinas, vid. D. José Ramón Mélida, *Excavaciones de Numancia*, Madrid 1912, est. LVII.

Fig. 8. Outra *cuspis* de flecha de ferro, mas diferente da anterior (fig. 7): mede de comprimento 0^m,082; a piramide, também quadrangular, distingue-se pouco da haste.

Fig. 9. Haste de ferro, de 0^m,322 de comprimento, uma, mas que podemos considerar formada de duas partes: cabo, de uns 0^m,09 de comprimento, de forma de tronco de cone, e de alvado; ponta, de forma de piramide triangular. O cabo apresenta abaixo de metade do comprimento um orificio que deve ter servido para passar um prégo que o fixasse a uma haste de madeira; junto da base, e do lado oposto, ha um orificio analogo. Ainda se vêem outros orificios, mas eles são falhas do ferro. Esta haste fazia evidentemente parte de uma arma: seria um ferro de *pilum*, embora difira dos que conheço por desenhos? Acêrca do *pilum*, vid. *Bonner Jahrbücher*, Bona 1895, est. x, e um artigo no *Dict. des antiq. gr. et romaines* (s. v.). O *pilum* era uma arma romana de arremêso; os nossos AA. antigos traduzem a palavra por «azagaia».

Fig. 10. Sinete do bronze, de tamanho natural. Representa-se nele o brasão de um bispo ou de um abade de convento: escudo oval, partido por uma pala: na metade da esquerda do observador vêem-se, em campo d'oiro, cinco estrelas; na da direita vê-se, em campo da mesma côr, uma aspa, de côr vermelha, entre quatro flores de lis verdes, e em cima uma brica; timbre, uma concha ladeada por um baculo (estilizado) e uma mitra, tudo encimado de um chapéu de borlas, que caem de cada lado; o escudo está exteriormente ornado de fitas e assente em flores estilizadas. Na primeira metade do escudo temos o brasão dos Coutinhos, na segunda o dos Mirandas.—Entenda-se que o desenho foi feito na disposição em que o brasão está no sinete; fica ao invés do desenho que resultaria de uma impressão em cera ou lacre.

Fig. 11. O objecto representado na fig. 11 foi, como se disse a p. 306, obtido na Idanha-a-Velha, aí apparecido no campo, por ocasião de trabalhos agrarios. Representa talvez um martelo de ferro, de 0^m,135 de comprimento; é de feitio especial, pois só tem uma «cabeça»; a extremidade do cabo forma uma argola triangular. Este martelo, se o é, destinava-se a industria em que bastava dispender pouca força (por exemplo, ourivezaria). Da epoca romana?

- Fig. 12. Faca de ferro, de 0^m,25 de comprido. Podemos distinguir nela duas partes: 1) *folha*, com *côta* (*costas* ou dorso) e *gume*; 2) *pé* ou *cabo*, expandido na sua extremidade. A folha é larga no seu comprimento, e rasa em cima, ou porque nunca teve ponta, ou porque, se a teve, esta se quebrou; a *côta* é bastante grossa, relativamente ao *corte* ou *gume*; o *pé* devia ser revestido de madeira, osso ou outra qualquer substância, como o mostram tres pregos que nele se vêem. A folha tem o aspecto da de uma navalha de barba moderna.—Este objecto appareceu nos campos da Idanha, que são férteis de cousas romanas; não posso porém determinar ao certo a data d'ele. Vid. p. 306.
- Fig. 13. *Chôco*: vid. p. 307.
- Fig. 14. Machado de xisto anfibolico, um pouco falho no gume: mede de comprimento 0^m,186. Apareceu na Orca. Vid. p. 308.
- Fig. 15. *Espêlho* ou escudete de porta, artistico, de Castelo Novo: vid. p. 308. De ferro, e com 0^m,233 de comprimento. A cruz que o encima é trilobada, mas com pé, e cantonada de raios: tem a explicação dada na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 206, n.º 6. Este *espêlho*, será do sec. XVIII.
- Fig. 16. a 20. Lages de um largo do Fundão, com letras esculpidas nelas: vid. pp. 311–312.
- Fig. 21. Sachinho de ferro, de 0^m,142 de comprido, achado num campo, nos arredores da Aldeia de Joane. Pela parte oposta á ponta pôde ter servido de martelo.—Vid. p. 313.
- Fig. 22. Idolo indiano, de 0^m,07 de altura. Vid. p. 316.
- Fig. 23. Abrigo de pastor, na Serra da Estrela. Vid. p. 321.
- Fig. 24. Pastores da Serra da Estrela. Vid. p. 322.
- Fig. 25. *Malhão* da Serra da Estrela. Vid. p. 323.
- Fig. 26. Lagoa Comprida (Serra da Estrela). Vid. p. 323.
- Fig. 27. *Cabana de carvoeiro* da Serra da Estrela. Vid. p. 326.
- Fig. 28. Percurtor ou martelo de pedra moderno. Vid. pp. 326 e 327.
- Fig. 29. Machadinho de fibrolite, obtido na Covilhã. Vid. p. 328. Mede de comprimento 0^m,054.
- Fig. 30. Capela do Senhor da Coluna, em Pinhel. Vid. p. 330.
- Fig. 31. Marcas de pedra do castelo de Pinhel. Vid. p. 331.
- Fig. 32, e 32-A. Dois aspectos de um instrumento de quartzite, que, segundo creio, servia de martelo na epoca neolitica. Apareceu nos arredores de Pinhel: vid. p. 332. Tem as seguintes dimensões: 0^m,095 de comprimento; 0^m,053 de

largura; 0^m,035 de espessura: na parte central de cada uma das faces representa uma depressão, para se fixarem os dedos (pollex e index), quando se trabalhava com ele. Parece-me comparavel aos instrumentos que os Franceses chamam *mardeaux-doubles*¹: só difere em não ter, como estes, orificio de encabamento, que está substituido pelas duas depressões de que falei, ou *pégas*. Para melhor se compreender a aproximação que faço, dou na fig. 33 o desenho deminuído de um molde de gesso de uma *hache-marteau* que adquiri no Museu de St. Germain², e hoje está no Museu Etnologico: substituindo com a imaginação o gume por uma superficie contundente, teremos um *marteau-double*³.—No Museu Etnologico ha outros instrumentos do mesmo tipo do de Pinhel, por exemplo: um de Estevais do Mogadouro, outro de Panoias de Vila-Real, ambos pois de Tras-os-Montes. Este tipo constitue, pelo menos por ora, e quanto sei, uma variante lusitana dos *mardeaux-doubles* de outros paises⁴.

Fig. 33. Molde de uma *hache-marteau* do Museu de St. Germain en Laye. Vid. o que fica dito a proposito da fig. 32 e 32-A.

Fig. 34. *Corrente de ouro*, romana, de uma sepultura dos arredores do Fundão. Vid. p. 338.

Fig. 35. *Anel ou aro de ouro*, romano, de uma sepultura dos arredores do Fundão. Vid. p. 338.

*

Para se gravarem as figs. 24, 26, 30 e 31 serviram os desenhos de quatro bilhetes postais; os desenhos para as figs. 13, 16-20, 23, 25 e 27, foram feitos por Saavedra Machadô, por esboços do autor do presente artigo; os desenhos que serviram para as restantes figuras fê-los o mesmo Artista pelos originaes, existentes no Museu Etnologico.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Vid. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I, 516.

² O original tem nesse Museu o n.º 5089.

³ No Museu Etnologico tenho outro molde que adquiri em St. Germain (n.º do original: 31852): nele os orificios estão começados, e não acabados.

⁴ Guarda-se no Museu Etnologico um instrumento neolitico de Elvas, que foi machado, e depois se applicou a percutor (ambos os topos estão gastos da percussão); este instrumento apresenta tambem duas depressões, uma em cada face maior, para *pégas*.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 29



Fig. 14



Fig. 32



Fig. 32-A

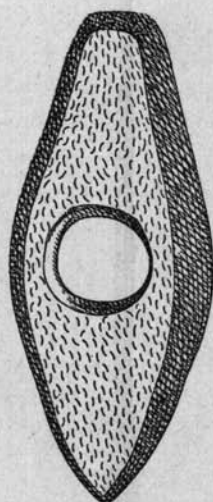


Fig. 33



Fig. 4



Fig. 8

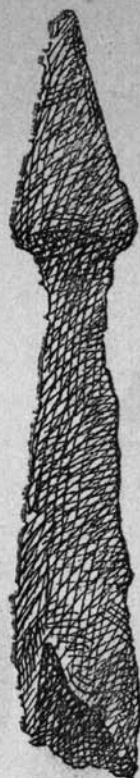


Fig. 7



Fig. 6



Fig. 9



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 21



Fig. 10



Fig. 15



Fig. 5



Fig. 22